



**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**

Departamento de Sociologia

Licenciatura em Sociologia

Trabalho de Fim de Curso

**Título:**

***“Nasci em um corpo errado”:* Um estudo sobre a moda como estratégia de expressão de identidade das mulheres trans na Cidade de Maputo**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

**Autora:**

Nesse Da Conceição Domingos Melo

**Supervisor:**

Baltazar Muianga, PhD

Maputo, Setembro de 2022

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**

Departamento de Sociologia

Licenciatura em Sociologia

Trabalho de Fim de Curso

**Título:**

***“Nasci em um corpo errado”: Um estudo sobre a moda como estratégia de expressão de identidade das mulheres trans na Cidade de Maputo***

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

**Autora:**

Nesse Da Conceição Domingos Melo

**Supervisor:**

Baltazar Muianga, PhD

Maputo, Setembro de 2022

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**

Departamento de Sociologia

Licenciatura em Sociologia

Trabalho de Fim de Curso

**Título:**

***“Nasci em um corpo errado”*: Um estudo sobre a moda como estratégia de expressão  
de identidade das mulheres trans na Cidade de Maputo**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a  
obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

**Autora:**

Nesse Da Conceição Domingos Melo

O Júri:

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## **Declaração de Honra**

Eu, Nesse da Conceição Domingos Melo, declaro por minha honra que esta monografia não foi apresentada, parcial ou integralmente, em nenhuma instituição para a obtenção de qualquer grau académico e que constitui resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas durante o trabalho todas as referências bibliográficas usadas para o efeito da pesquisa.

Maputo, Setembro de 2022

---

(Nesse da Conceição Domingos Melo)

## **Dedicatória**

Ao meu pai, Domingos Melo João, que tudo fez para que tanto eu, assim como para os meus irmãos tivéssemos a oportunidade de estudar;

À minha querida mãe, Gertrudes Cariça Pedro João, por ser uma mulher forte e guerreira, servindo, desse modo, de inspiração para mim.

## **Agradecimentos**

Agradeço à Deus, o pai todo poderoso, por orientar-me, iluminar-me e servir de alicerce, bem como de refúgio não apenas no campo académico, mas também em todas as áreas da minha vida;

De seguida, agradecer ao meu pai, Domingos Melo João, pelos seus sábios ensinamentos e pelo apoio moral que me tem dado e por acreditar em mim sempre;

À minha mãe, Gertrudes Cariça Pedro João, por servir de inspiração para enfrentar e vencer as vicissitudes da vida;

Aos meus irmãos, Melo Domingos João e Pedro Domingos de Melo, pela paciência e dedicação nos meus estudos;

Na academia, à todos os docentes do Departamento de Sociologia da Universidade Eduardo Mondlane que, pacientemente, se dedicaram de modo a transmitir-nos seus conhecimentos, em especial, ao meu supervisor, o Doutor Baltazar Muianga, por ter sido mais que um docente para os seus estudantes, pela sua extrema dedicação e paciência; agradeço-lhe, ainda, pelo seu apoio e disponibilidade depositados em mim ao longo da realização deste trabalho;

Ao meu namorado, Faiman da Silva, que, durante os 4 anos, me apoiou e tornou os momentos difíceis em dias fáceis de viver;

À todos que fizeram parte da turma de Sociologia iniciada em 2018, por terem sido estes 4 anos de convivência bem aproveitados, tendo eu aprendido muito convosco, de tal modo que, hoje, eu sinto vossa falta;

Ao meu grupo de estudo, designadamente, as “Sisters”, nomeadamente: a Ângela Tovele, a Marina Moiane, a Vânia Zavala e a Mónica Matusse. Meninas, sem vocês, estes 4 anos de faculdade teriam sido muito mais difíceis, no entanto, vocês foram meu ponto de equilíbrio;

- Que a nossa amizade seja para a toda a vida.

Às mulheres trans que em mim confiaram e aceitaram fazer parte desta pesquisa. Elas foram a peça essencial para a concretização deste objectivo, assim como para que este trabalho se tornasse uma realidade;

Por fim, à todos que directa ou indirectamente contribuíram para a realização deste trabalho fosse possível

O meu muito obrigada!

## **Epígrafe**

- Uma frase, que tem um significado importante para mim, é de Machado de Assis e ela diz que em tudo na vida existe sempre um lado bom.

*“Há pessoas que choram por saber que as rosas têm espinho. Há outras que sorriem por saber que os espinhos têm rosas!”*

*Machado de Assis*

## **Resumo**

Este trabalho foi realizado com o objectivo de compreender de que forma a moda pode ser usada como uma estratégia de expressão de identidade das mulheres trans na Cidade de Maputo.

A problemática trazida por este trabalho está ligada ao facto dele tentar compreender a condição na qual a moda passa a sugerir uma dada identidade de algumas mulheres trans da Cidade de Maputo e em que circunstâncias elas efectivam a construção desta identidade se baseando na moda. Entretanto, este assunto é pouco explorado no contexto moçambicano.

Para a realização desta pesquisa, foram usadas as seguintes teorias: a primeira, de "Representação do eu na vida quotidiana" de Goffman como a principal, e, a segunda, de "Construção de identidade" de Dubar como auxiliar, orientando nossa pesquisa. O estudo usou uma abordagem qualitativa, baseada em entrevistas semiestruturadas, e a para a recolha dos dados, foram entrevistadas 8 mulheres trans cujas idades partem dos 23 aos 35 anos. A análise dos dados foi feita com recurso à técnica de análise de conteúdo. Os dados recolhidos mostraram que as mulheres trans lutam constantemente por reconhecimento e pela aceitação social da identidade de género pela qual elas se identificam. Ademais, percebeu-se, ainda, que a maior preocupação delas é de poder desempenhar papéis desse género e, para isso, foram adoptadas as seguintes estratégias por elas: fazer parte de grupo de outras mulheres heterossexuais, vestir roupa feminina e outros artifícios da moda para valorizar o corpo.

No que refere ao processo de construção identitária a partir da moda, realiza-se mediante dois pilares principais, a saber: transmitir a percepção que elas têm de si mesmas aos outros e a percepção que os outros têm sobre a forma como elas se apresentam. Constatou-se, ainda, que a moda pode transmitir uma identidade às mulheres trans, no entanto, através das componentes da moda, elas não constroem apenas uma identidade, mas múltiplas, dependendo do contexto no qual estiverem inseridas.

**Palavras-chave:** Mulheres trans, moda, construção de identidade.

## **Abstract**

This work was carried out with the objective of understanding how fashion can be used as a strategy for expressing the identity of trans women in Maputo City.

The problem brought up is really the fact of trying to understand how fashion starts to suggest an identity to trans women, and in which circumstances they are effectively based on fashion. Nevertheless, this subject is little explored in the Mozambican context.

In order to make our study, we used the following theories: firstly, "Representations of the self in everyday life" by Goffman, as the main one, and the second "Construction of identity, by Dubar as auxiliary, which guided our research.

This study used a qualitative approach, based on semi-structured interviews and for data collection, were interviewed 8 trans women whose ages start from 23 to 35 years.

Data analysis was performed using the content analysis technique. The data collected showed that trans women constantly struggle for the recognition and social acceptance of the gender identity which they identify themselves. However, it was clear that the greatest concern was to be able to play roles of this gender in which the following strategies were adopted: make part of a group of other heterosexual women, wearing women's clothing and other fashion devices to enhance the body.

About the process of the identity construction from fashion, it, the process, is carried out through two main pillars which are: transmitting to others the perception that they have of themselves and the perception that others have about the way they present themselves. It was also found that fashion can transmit an identity to trans women yet. However, through the components of fashion, they do not build just one identity, but multiple ones, depending on the context in which they are inserted.

**Key words:** Trans women, fashion, identity construction

## Índice

Declaração de Honra .....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos .....	iii
Epígrafe .....	iv
Resumo .....	v
Abstract.....	vi
Introdução.....	1
Capítulo I. Revisão da Literatura.....	8
1.1. Moda e construção da identidade: Abordagem Determinista.....	8
1.2.A indumentária como um instrumento de inserção dos indivíduos a determinados grupos sociais: Abordagem Funcionalista.....	10
1.3. Construção da identidade de transgéneros através da moda: Abordagem Construtivista.....	13
1.4. Formulação do problema .....	16
1.5. Pergunta de partida .....	16
Capítulo II. Quadro Teórico e Conceptual .....	17
2.1. Definição e operacionalização dos conceitos .....	20
2.1.1. Moda.....	20
2.1.2. Identidade .....	21
2.1.3. Transgénero .....	22
2.1.4 Mulher trans.....	23
Capítulo III. Metodologia .....	24
3.1. Método de Pesquisa.....	24

3.2. Método de Abordagem .....	24
3.3. Método de Procedimento.....	24
3.4. Universo e Amostra.....	25
3.4.1. Amostra .....	25
3.5. Técnica e tipo de amostragem.....	25
3.6. Técnica de colecta de dados .....	26
3.7. Técnica de análise de dados .....	26
3.8. Questõeséticas .....	27
3.9. Constrangimentos da pesquisa.....	27
Capítulo IV: Apresentação, análise e interpretação dos dados.....	28
4.1. Perfil sociodemográfico das mulheres trans .....	28
4.2. Experiências de autodescoberta das mulheres trans .....	29
4.2.1. A transgeneridade como uma característica exterior aos indivíduos .....	30
4.2.2. Adolescência e fase adulta: gestão da identidade e conflitos familiares .....	31
4.3. A construção da autonomia das mulheres trans e a expressão da identidade social	33
4.3.1. A vida em casa dos pais como um elemento de privação e auto-repressão .....	33
4.3.2. A independência económica e social como elementos de autonomia .....	34
4.4. As preferências de indumentária das mulheres trans.....	36
4.5. As motivações por detrás das escolhas de vestuário e acessórios entre mulheres trans .....	37
4.6. O uso de roupas femininas na demonstração da identidade .....	38
4.6.1. Significados atribuídos pelas mulheres trans á roupa.....	39
4.6.2. Reacção dos outros em relação a forma como as mulheres trans se apresentam ..	40
4.7. A moda como estratégia usada pelas mulheres trans para expressar sua identidade	42
4.7.1. Concepções das mulheres trans sobre a moda.....	42

4.7.2. Manipulação da moda como um instrumento de expressão de identidade de género .....	44
5. Considerações Finais .....	46
6. Referências Bibliográficas.....	48
7. Anexos.....	52

## Introdução

Este trabalho pretende estudar a moda como estratégia de expressão de identidade das mulheres trans a partir da observação da realidade moçambicana. Para isso, coloca-se em debate a forma como os actores sociais usam a moda e a manipulam para poderem representar sua imagem e expressar sua identidade de género.

O intuito dessa pesquisa é procurar olhar para o processo que leva um indivíduo a questionar sua identidade, assim como a sua aparência e como a moda se associa às questões de identidade das mulheres trans tendo em conta o facto de vivermos num meio onde estamos submetidos à um padrão de consumo que, conseqüentemente, serve de referência para a construção de uma identidade própria

No âmbito da realização deste trabalho pretende-se discutir como as mulheres trans usam a moda para representar sua imagem, ainda que existam traços de feminilidade e masculinidade que já foram definidos socialmente, e os modos que elas optam para que sejam reconhecidas como homens, ou mulheres. Sendo assim, a escolha da moda transcende a definição do que é entendido como vestuário, abrindo possibilidades para a construção de novas identidades de género.

Relativamente aos objectivos do trabalho, constitui objectivo geral para este trabalho: *compreender a forma pela qual a moda pode ser usada como estratégia de expressão de identidade das mulheres trans na Cidade de Maputo.*

Quanto aos objectivos específicos, destacam-se: *(i) Identificar o perfil sócio demográfico das participantes da pesquisa, (ii) Identificar as preferências da indumentária das mulheres trans e as motivações das suas escolhas; (iii) Descrever a forma como as mulheres trans se expressam, assim como apresentam sua identidade, e (iv) Identificar as estratégias usadas pelas mulheres trans para expressar sua identidade através da moda.*

Quanto à componente *justificativa*, a escolha deste tema foi orientada por um conjunto de leituras acerca da transgeneridade que se resume na busca por reconhecimento e aceitação em uma sociedade na qual perpetua a padronização dos corpos de maneira binária, a saber: o masculino e o feminino. A forma como as mulheres trans, através das tendências de moda, calçados, cabelos, maquiagem e de tantos outros artifícios que fazem parte da aparência visível, se apropriam criativamente de seus corpos, elaborando uma linguagem própria e criando uma forma de vida cuja potência está no acto de aparecer e como forma de serem compreendidas como seres que não estão

limitados aos simples padrões e, nesse caso, particularmente, não são atreladas ao género que lhes são imposto e expressam isso visualmente.

A relevância desta pesquisa surge na medida em que nos permitirá entender a relação existente entre a moda e questões de género e o seu papel no processo de construção de identidade da mulher trans e como isso impacta na escolha de consumo, partindo da desconstrução do sistema binário.

Esta pesquisa enquadra-se na sociologia da vida quotidiana dado que ela, a pesquisa, aborda assuntos relacionados às acções do dia-a-dia das mulheres trans nos aspectos que se referem ao vestuário e nas suas escolhas. Diariamente, para a mulher trans decidir a forma pela qual vai se apresentar diante dos outros, ela busca coisas que poderão a diferenciar, criando assim um certo destaque e, por conseguinte, ela ganha mais visibilidade, legitimando essa aparência diante do outro.

Quanto à construção da identidade das mulheres trans, Mugabe (2021), destaca o facto da existência de poucos estudos realizados sobre esta temática, além de uma fraca integração e inclusão social nas instituições sociais e até mesmo uma presença tímida das instituições que defendem os direitos e interesses de género, como a comunidade LGBT. Por esta razão, fez sentido pesquisar sobre a construção da identidade das mulheres trans a partir da moda para compreender os mecanismos que estes sujeitos usam para inserirem-se na sociedade e interagir com os outros.

Isto acontece, pois, na sociedade moçambicana ainda persistem alguns preconceitos de género e valores tradicionais que não são apologistas quanto à existência de novas identidades de género para além de masculino e feminino que correspondem aos papéis sociais de homens e mulheres. Então, é importante investigar sobre os sujeitos que pertencem à este espaço socialmente estigmatizado e como eles manipulam as condições nas quais se encontram para atingir os seus objectivos.

Em termos de organização, o trabalho encontra-se disposto em capítulos, cada um deles com as suas questões e discussões:

No primeiro capítulo, encontra-se a revisão da literatura na qual trouxemos estudos empíricos sobre a moda como expressão de identidade. Estes estudos permitiram-nos agrupar a moda e os processos da construção da identidade em três abordagens. De seguida, encontramos a formulação do

problema e a repectiva pergunta de partida. No segundo capítulo, apresentamos o enquadramento teórico e conceptual, bem como a teoria usada para sustentar a nossa pesquisa. A teoria usada para sustentar a nossa pesquisa foi a de Erving Goffman (2002), designadamente a da “ Representação do Eu na vida quotidiana”e como auxiliar, a teoria da “Construção da identidade” desenvolvida por Claude Dubar. Após a apresentação da teoria usada no trabalho, se segue a definição e operacionalização dos conceitos;

No terceiro capítulo, é apresentada a metodologia adoptada para recolher e analisar com precisão os dados obtidos no campo. Assim, para a realização deste trabalho, foram usados os seguintes métodos: quanto à forma de abordagem do problema, foi usado o método qualitativo; quanto aos procedimentos técnicos, foi usada a entrevista semiestruturada para a recolha de dados. Quanto aos critérios usados para a selecção do grupo-alvo, a amostragem foi intencional e a amostra foi definida por saturação teórica;

O quarto capítulo refere-se à apresentação, análise e interpretação dos dados colhidos no campo, a saber: (i) apresentação do perfil sócio demográfico das participantes da pesquisa, (ii) experiências de autodescoberta das mulheres trans, onde constatou-se que a transgeneridade é exterior a elas e não depende das suas escolhas; (iii) a construção da autonomia das mulheres trans e a expressão da identidade social, onde concluiu-se que as mulheres trans constroem sua identidade de forma plena quando alcançam sua independência financeira; (iv) as preferências de indumentária das mulheres trans, que é como uma característica influenciada pelas diferentes situações de interação em que elas se encontram; (v) as motivações por detrás das escolhas de vestuário e acessórios entre mulheres trans, onde foi avançado que a necessidade de chamar atenção e conquistar a admiração dos outros, são as principais razões por detrás da escolha do vestuário e acessórios; (vi) o uso de roupas femininas na demonstração da identidade, que foi considerado como uma questão ligada ao significado da roupa para as mulheres trans e as reações que ela produz nos outros; (vii) estratégias de expressão de identidade das mulheres trans, na medida em que consiste em arranjos e recriações que permitem as mulheres trans se apresentarem como elas são e como elas querem ser vistas. Por fim é apresentada a conclusão da pesquisa, seguindo a parte das referências e anexos.

## Contextualização

Um tema tão amplo, como este, não pode ser tratado sem questionar à um dos pilares da sociedade a diferença entre os sexos, visto que as mulheres trans contrariam os papéis de género preestabelecidos de acordo com o sexo biológico. Assim, haveria uma diferença essencial entre homens e mulheres, e essa diferença estaria pautada pelos seus sexos biológicos. Entretanto, essa percepção se modificou ao longo do tempo e das culturas.

A visão de Bento (2006), defende que a sexualidade humana envolve quatro aspectos, nomeadamente: o género, a orientação sexual, o papel social e a identidade sexual e, desses quatro aspectos, os indivíduos aparecem subdivididos em grupos que são lésbicas, gays, bissexuais, queer, intersexo, heterossexual, de cissexualidade, transexuais, travestis e transgéneros.

Entretanto, a concepção actual de que há dois sexos diferentes surgiu apenas no século XVIII. Anteriormente, prevalecia o monismo sexual, a ideia de que há um único sexo. Portanto, através dos registos datados do século II, nos tratados de Galeno, constatou-se que o sexo feminino era um subdesenvolvimento do sexo masculino, sendo, desse modo, o órgão genital feminino (vagina) um órgão genital masculino (pénis) incompleto (Laqueur, 2001).

No entanto, do ponto de vista religioso, a visão da sociedade quanto à identidade sexual começou a mudar quando a igreja relacionou a moralidade com a conduta sexual, criando uma norma que proibia qualquer tipo de relacionamento que não fosse entre homem e mulher com o objectivo da procriação (Ceccarelli, 2000).

De acordo com Butler (2003), a noção de uma sexualidade má, errada, suja, entre outras formas, tem sua origem em noções religiosas que vão passando de geração para geração sem serem questionadas. Assim, criou-se um imaginário social que definia a figura dos homossexuais, entre outras que exercem práticas sexuais fora da finalidade de procriação, como pessoas moralmente desordenadas.

Somente, em meados do século XX, o conceito de género passou a existir no meio científico com as considerações de Money (1955), acerca dos papéis construídos socialmente para homens e mulheres ao que ele apontou o género como uma categoria que se refere ao conjunto de características que definem as diferenças sociais entre homens e mulheres, diferenciando esse conceito do de sexo biológico e evidenciando que nem sempre as expectativas sociais relacionadas às pessoas nascidas com determinadas configurações biológicas (femininas ou masculinas)

redundarão na identificação com certo género (homem ou mulher) que nos remete à questão da identidade sexual.

Mais tarde, foi discutida a questão dos transgéneros, levando-nos à compreensão da não conformidade de género com o sexo em culturas e em todo o mundo. Desde os tempos antigos, há relatos, por toda a Europa, que documentam homens trans se lamentando por terem sido nascidos homens ao invés de mulheres. Estes relatos foram vistos como um dos primeiros relatos de disforia de género. À título de exemplo, um britânico, que se encontrava preso, vivia e fazia trabalhos sexuais como uma mulher trans nos Balcãs nos anos 1400 (Costa, 2005).

Recentemente, alguns países, ao redor do mundo, começaram a reconhecer os direitos das pessoas trans, concretamente, no Ocidente, na Índia e no Sul da África. Não obstante, outros países, como no resto da África, na Ásia Central e na Arábia, são hostis e restringem os direitos das pessoas trans (Susan, 1994).

Ao redor do mundo tem acontecido vários conflitos no que diz respeito à aceitação das pessoas trans. À título de exemplo, no Norte de África, pessoas trans enfrentam estigma e não são capazes de mudar os marcadores de género, ou ter acesso à terapia hormonal, ou à cirurgia de redesignação; no Marrocos, em 2018, algumas pessoas fundaram um grupo para se opor à discriminação; na Argélia, a maioria das pessoas trans vive escondida, ou em busca por um refúgio; na França, em 2014, foi feita a primeira revista LGBT do país tendo construído e lançado o perfil de várias pessoas trans; na Tunísia, pessoas trans são presas, encarceradas e torturadas, mas algumas procuram asilo na Grécia; no Egipto, hoje, as pessoas trans são hostilizadas estão sujeitas à prisão (Susan, 1994).

No moderno estado de Gana, as pessoas trans enfrentam violência e discriminação no acesso à saúde, trabalho, educação e moradia. Isso também acontece em vários outros estados da África Ocidental como, por exemplo, a Gâmbia. Na Costa do Marfim, as mulheres trans, especialmente as trabalhadoras do sexo, enfrentam assédio e violência facto que ocorre desde as eleições de 2011. Contudo, desde o ano de 2009, há um desfile anual de travestis, concentrando-se mais em homens gays do que em mulheres trans ou *travestis* (Susan, 1994).

Embora as pessoas trans sofram represálias em diferentes cantos do mundo, há países em que ser uma pessoa trans é encarado como algo normal. À título de exemplo, na África ocidental, no período moderno, os Igbo, como em muitos outros povos, tinham papéis de género e transgéneros, inclusive para mulheres que assumem o status de homem e se casam com mulheres. Esta prática também

existe entre o povo Daomé de Benim e foi visto através de lentes transgénero e homossexuais (Susan, 1994).

Em alguns países da África Central como, por exemplo, nos Camarões, as pessoas trans enfrentam violência e discriminação no que diz respeito ao acesso à saúde, ao trabalho, à educação e à moradia e as mulheres trans são atacadas e presas. Contudo, em Ruanda, as mulheres trans vivem abertamente e enfrentam menos violência e estigma, diferente do que acontece nos estados vizinhos.

Em Angola, na década de 2010, a cantora trans Titica enfrentou inicialmente a violência, mas tornou-se popular, especialmente entre os jovens angolanos (Susan, 1994).

Quanto ao contexto moçambicano, constata-se uma exiguidade de dados oficiais, seja sobre as “pessoas trans”, ou até mesmo sobre a presença minoritária do “T” no movimento associativo LGBT moçambicano, a LAMBDA. Assim, há ainda uma presença rara de pessoas que têm expressões de género distintas da cissexualidade na comunicação social e nos espaços públicos moçambicanos.

Importa, ainda, mencionar também a ausência de pessoas que têm expressões de género distintas da cissexualidade na produção científica nacional, tanto nas áreas psico-médicas como nas áreas das ciências sociais e humanas, com excepção das recentes etnografias da socióloga moçambicana Chipenembe (2018) e do antropólogo brasileiro Miguel (2019), que abordam tangencialmente as vivências das “pessoas trans” (Mugabe, 2021).

Os estudos realizados por Chipenembe (2018), mostram que em Moçambique existe um conjunto de práticas culturais que excluem a população homossexual e transgénero. Estas práticas são identidades de género condenadas moralmente e não são socialmente reconhecidas como legítimas e, para lidar com o fenómeno da homossexualidade e transgeneridade, recorre-se às práticas violentas como casamentos compulsivos, violência sexual, rituais tradicionais e religiosos para lidar com identidades de género diferentes do masculino e do feminino. As mulheres trans sofrem estigma desde a infância na vizinhança, no grupo de pares e até na fase adulta, na família, nos hospitais e na comunidade em geral o que dificulta a sua inserção social e o acesso aos serviços sociais.

E no estudo realizado por Miguel (2019), sobre o silêncio, exogenia e tolerância nos processos de institucionalização da homossexualidade por parte do governo, da mídia, do movimento LGBT, das religiões e do senso comum, bem como a forma como eles, actualmente, conjugam e rejeitam

formas históricas e presentes de estar no mundo e de conhecer-se a si e aos demais como sujeitos que possuem certos desejos eróticos e/ou identidades de género distintos daqueles que à eles foram projectados quando à este mundo vieram. A dita tolerância moçambicana, no que diz respeito à homossexualidade, ou às pessoas LGBT, é ambígua visto que, por um lado, os moçambicanos com distintas práticas sexuais apontam para as discriminações que sofreriam os LGBT, seja em casa, na sociedade mais ampla e, por outro lado, assumem que não vivem em uma sociedade que persiga, que encarcere, ou que mate pessoas LGBT.

## Capítulo I. Revisão da Literatura

Neste capítulo, pretende-se discutir as diferentes perspectivas relacionadas ao processo da construção da identidade das transgéneros com base em diferentes elementos como a moda, a socialização, a construção da auto-imagem e a gestão da identidade estigmatizada. Para o efeito, tivemos como base as diferentes pesquisas, que resultam em discussões, feitas sobre esta temática.

A partir dessas discussões surgem 3 perspectivas, a saber: (i) Moda e construção da identidade: Abordagem Determinista defendida por Moura (2018); Miranda (2008); Cidreira (2005); Mauss (1984) e Simmel (2005); (ii) A indumentária como um instrumento de inserção dos indivíduos aos determinados grupos sociais: Abordagem Funcionalista defendida por Guimarães (2008); Cristo (2006); Pitombo (2000); Lipovestky (2005) e Sant'Anna (2009); e (iii), a última, a Construção da identidade dos transgéneros através da moda: Abordagem Construtivista defendida por Chipenembe (2018); Mugabe (2021); Wittman (2019); Vallela, Santos e Veloso (2006); Hennes, (2017); Wollinger e Lima (2018) e Affonso (2012).

### *1.1. Moda e construção da identidade: Abordagem Determinista*

Primeiramente, será apresentada a **abordagem determinista**. Esta abordagem assenta na ideia segundo a qual a roupa é vista como algo que é intrínseco à vida de toda a sociedade. Assim, mesmo aqueles que dizem não se importar com o que vestem acabam, de alguma forma, sujeitos às variações dos modismos dado que não é apenas vestir, a roupa é um conjunto de informações que orientam costumes, comportamentos e variam no tempo e na sociedade. Sendo a vestimenta um determinado uso ou costume em vigor durante alguma época, a história do vestuário é um livro por meio do qual se pode acompanhar a evolução da humanidade no tempo, assim como no espaço.

Na pesquisa de Moura (2018), sobre o *vestuário como expressão de identidade*, defende-se que as roupas eram o principal meio de distinção no espaço público. Além disso, como meio de expressão, era possível manifestar sua ocupação, religião, identidade da região e classe social por meio da forma como o sujeito se vestia. A roupa e a identidade social não estão totalmente dissociadas. No entanto, a roupa continua sendo um instrumento de sinalização do género, da posição de classe social e do status ocupacional. Os modos de vestir são influenciados por pressões de grupo, de propaganda e de recursos socioeconómicos.

Portanto, a autora conclui que a moda é uma narrativa da sociedade e está presente em diversos âmbitos, associando-se directamente à noção de identidade trabalhada. Contudo, nem sempre se é o que se veste, até porque o ser é algo temporário e, às vezes, contraditório ou fragmentado.

Miranda (2008), argumenta que a forma pela qual cobrimos nossos corpos funciona como uma forma de escrita que serve para registar quem se é, enquanto indivíduo, e como se vive, pois os trajes e as indumentárias vão definindo nosso papel e nossa imagem para a sociedade. Ademais, a autora defende, ainda, que quando os indivíduos buscam por produtos como roupas e acessórios, eles procuram transformar o eu real no eu ideal devido ao facto de acreditar-se que a aparência física e as posses podem retratar o nosso *eu*.

Através desta autora, percebe-se que, por um lado, os indivíduos, na busca por retratar sua individualidade, eles têm a capacidade de fazer o uso das roupas como forma de construir uma identidade capaz de retratar o que o indivíduo apresenta ser, mas, por outro, estas mesmas roupas é capazes de permitir aos indivíduos construir uma identidade por eles idealizada, o que significa que a ideia da autora é eficaz porque introduz o facto de que a identidade social de um indivíduo pode variar dependendo da individualidade que este pretende passar em determinado momento.

Na visão de Cidreira (2005), em *Os sentidos da moda*, podemos constatar que a moda e a indumentária seriam certamente produtos da cultura. A cultura é o sistema significante através do qual uma ordem social é comunicada, reproduzida, experimentada e explorada. A moda e a indumentária são algumas das maneiras pelas quais a ordem social é experimentada, explorada, comunicada e reproduzida. Através da moda e da indumentária, entre outras instâncias, constituímos-nos como seres sociais e culturais. A moda pode ser uma forma de expressão cultural usando o conceito de *habitus* que é a incorporação da memória colectiva em seu sentido próprio.

No seu estudo, o autor pretendia mostrar que a moda não só faz parte da estruturação simbólica própria de uma determinada cultura, como também gera cultura. Pode-se dizer que a aparência corporal aparece não apenas como um subproduto da vida social, como o efeito combinado de diversos determinismos estruturais e culturais, mas também como fonte da aposta fundamental na dinâmica da socialização e da construção identitária.

Mauss (1984), em seu estudo *As técnicas corporais*, mostra que a vestimenta é um fenómeno que estrutura a vida social de maneira inseparável dos processos comunicacionais e tenta relacionar ou destacar a relação expressiva da dinâmica do vestuário como corpo e, conseqüentemente, no comportamento e na cultura. O *habitus* está vinculado ao comportamento

e aos processos de expressão de identidade a partir da moda, sendo o princípio do estilo de vida. Desta forma, o autor enfatiza que o vestuário e a própria dinâmica da moda se constituem como um meio de expressão identitária.

A moda consolidada, enquanto expressão de identidade, permite influenciar a sociedade numa pluralidade de escolhas e de estilos de vida. Através da análise de reportagens, o autor toma como exemplo o modo como o jornalismo de moda elabora as representações do comportamento e os sentidos para a corporeidade.

Na obra *Psicologia da Moda, um estudo sociológico* Simmel (2005), destaca a roupa como forma de vida social pela qual produz um compromisso entre a tendência para a igualdade e da tendência para a distinção individual. Este estudo revela, ainda, que a indumentária está ligada a história de cada um e em cada momento vivido, vestimos algo que compõe a paisagem do vivido, quer seja na festa, no baptizado, no casamento, ou noutra tipo de cerimónia na qual se veste e investe em memórias e significados. Assim, a relação dos indivíduos com a roupa envolve uma construção individual e colectiva que inclui, exclui, recria os sujeitos individuais e colectivos, assim como papéis e significados sociais.

### ***1.2.A indumentária como um instrumento de inserção dos indivíduos aos determinados grupos sociais: Abordagem Funcionalista***

Esta abordagem defende que a indumentária e identidade são resultado da construção identitária do indivíduo. Por detrás dessa atitude tão comum ao quotidiano de todas as pessoas, a escolha de determinadas peças tem, além de características funcionais, intenção de expressar o que esse indivíduo é /ou como ele deseja ser percebido pelos outros. A maneira como cobre seu corpo é uma forma de mostrar seus gostos, sua classe social, seu tipo de trabalho, ou seja, quem ele é. Uma tentativa de agradar o grupo ao qual ele pertence, ou deseja se inserir.

No artigo *Moda, cultura e identidades* de Guimarães (2008), percebe-se que a expressão da identidade hoje, com suas múltiplas possibilidades, decorre da reflexividade da vida social e passa necessariamente pela forma como os indivíduos criam os seus estilos de vida, onde a moda é incluída. Essas questões não estão inseridas na vida apenas de grupos socialmente elevados. Construimos uma identidade como uma narrativa de nós mesmos e para o outro. O indivíduo satisfaz uma das necessidades essenciais do ser humano, narrar histórias, tanto para si, como para os outros. Essas escolhas pretendem, também, contar uma história, a história de cada um, a forma como cada um se vê e quer se ver no mundo.

Desta forma, a moda que se espalha nas ruas hoje, em grande parte no sentido da periferia para o centro, é fundamental para o entendimento dessa nova realidade transformada pelo processo da globalização.

Na obra de Cristo (2006), intitulada *Moda e identidade social* constatamos que a participação da moda no processo de construção das identidades sociais dependeria não apenas do acesso ao discurso especializado, ou daquilo que é veiculado na mídia. Os indivíduos formariam e compartilhariam representações sociais sobre os padrões estéticos criados pelos especialistas e a partir dessas informações estabeleceriam relações de pertença, ou não pertença aos grupos que contribuiriam positivamente para aspectos de construção de suas identidades. Entretanto, os estereótipos sociais forneceria subsídios para a identificação de algumas tendências. Eles interagiriam naturalmente com os grupos nos processos de formação de suas identidades sociais.

No estudo sobre *As técnicas corporais*, realizado por Pitombo (2000), podemos constatar que os processos sociais contemporâneos tornaram mais complexas as condições de produção e as concepções das identidades individuais e colectivas. Esses processos fazem proliferar situações, experiências, estímulos ilimitados e em ritmo acelerado, fazendo os sujeitos transitarem entre as demandas e os desejos diversos, impossibilitando-os de se constituírem como “sujeito unificado”. O sujeito que emerge desses processos é marcado de possibilidades, mutações e gestão de diferentes identidades.

A moda do vestuário é um dos componentes das condições sociais de subjectivação e construção identitária, estabelecendo uma rede de relações com esses sujeitos de possibilidades. Da actual ordem de homogeneização cultural resulta a formação de mecanismos de resistência grupal e também individual, que permitem não somente o surgimento de identidades individuais, sociais plurais e híbridas, como também transfigura os seus componentes e seu papel social.

A roupa e o corpo são objectos e produtos da moda contemporânea e ajudam a compor as subjectividades, criando e exprimindo as imagens e formas que correspondem às identificações e diferenciações de onde emergem as identidades possíveis e desejadas. Assim, não somente pela força da mídia e dos mecanismos da indústria cultural, mas porque os contextos e relações sociais mudam rapidamente, colando-nos o desafio de acompanhar o tempo alterando as atitudes, as crenças, os valores e os desejos. A instantaneidade dessas mudanças não permite que as antigas se desfaçam e é possível a convivência de alguns “eus”, no mesmo indivíduo (Pitombo, 2000).

Este autor olha para a moda a partir de um ponto de vista mais relativo no qual os sujeitos são considerados seres capazes de ajustar as suas preferências ao seu contexto social. A moda impõe padrões e ao mesmo tempo fortalece a distinção entre pessoas e grupos sociais e, desse modo, favorece a recriação permanente dos sujeitos sempre em devir.

No estudo realizado por Lipovetsky (2005), em seu estudo *O império do efêmero*, ele concorda que, inicialmente, a roupa está directamente ligada aos códigos de diferenciação social, da construção de identidades, dos processos de mudança social e de certos fenómenos como a religião, o cinema e a música, no entanto, acrescenta que, dependendo do contexto, passa-se a não considerar mais apenas como um elemento de diferenciação, mas ganha-se uma intensa discussão sobre a moda e indumentária como mecanismo de diferenciação e identificação de sujeitos sociais, colectivos, ou individuais, pois cada movimento tem uma indumentária característica da sua identidade política que fazem essas peças se tornarem inconfundíveis e imediatamente reconhecíveis como membro deste movimento.

Assim, concordando e substanciando a visão de Pitombo (2000), autor conclui que a moda adoptada por certos grupos de referência acaba determinando a identidade dos indivíduos que compõem o grupo, ainda que o consumo se tenha tornado o foco da vida social, sendo que, por meio dele, as pessoas comunicam seus valores e se diferenciam socialmente.

Embora as pessoas usem o comportamento de consumo de um indivíduo para ajudá-las a fazer julgamento sobre a identidade social da pessoa, elas baseiam-se também em suas roupas, fazendo inferências sobre sua personalidade com base em suas escolhas. Percebe-se, ainda, que a moda, ditada por marcas denominadas “grife” e por celebridades, influencia a imagem que as pessoas desejam representar perante a sociedade.

O estudo feito por Sant’Anna (2009), intitulado *Teoria de moda*, podemos constatar as relações existentes entre o consumo de moda e as construções identitárias individuais e sociais. Por meio de uma análise teórica, discute-se como corpo e moda são agenciados nas operações de formulação da identidade do indivíduo. A partir da investigação do corpo, da moda e do conceito de identidade, busca-se compreender como a moda está ligada ao nosso “estar no mundo”, ao que damos a ver em nós mesmos e como desejamos ser percebidos pela sociedade. A moda dá-nos a possibilidade de desempenhar papéis e de nos reinventarmos em cada ocasião através de processo performativo e de teatralização no qual somos autores, criadores, personagens e plateia.

### ***1.3. Construção da identidade de transgéneros através da moda: Abordagem Construtivista***

Na **abordagem construtivista**, que é defendida por Mugabe (2021), Wittmann (2019) e Vallela, Santos e Veloso (2006), a construção da identidade dos transgéneros implica, em primeiro lugar, a identificação dos indivíduos com as categorias de homem, ou de mulher (masculino ou feminino) que depois passam por uma transformação física e comportamental na qual estes indivíduos passam a assumir-se como pessoas do sexo oposto. Portanto, os homens passam a identificar-se como mulheres e as mulheres como homens e, por consequência, esse processo de transformações dá origem a esta nova identidade de género que está ligada a um processo de auto-identificação e de identificação atribuída por outrem (Mugabe, 2021).

A transgenitalização é o processo através do qual os sujeitos transformam o corpo de homem num corpo de mulher e o corpo de uma mulher no corpo de um homem. Esta cirurgia faz parte da construção da identidade dos transgéneros em que procura-se estabelecer, de forma nítida e clara para os outros, a identidade que se pretende expressar diante dos outros (Wittmann, 2019).

Nos casos de identificação pelos outros, o principal elemento da construção da identidade dos transgéneros é a atribuição de rótulos. Os rótulos costumam carregar um sentido pejorativo em que os sujeitos, na condição de transgénero, são classificados como “maria-rapaz, maricas, bicha, travesti, transveste, trava, gay, homossexual, boneca, puta e/ou manas” (Mugabe, 2021; Wittmann, 2019). Esta rotulagem está ligada ao facto dos sujeitos aprenderem na família e na comunidade a se identificarem como homens, ou mulheres, marginalizando ou estigmatizando as outras categorias que servem para expressar a identidade de género.

Para os casos de auto-identificação, o papel dos meios de socialização secundária tem sido muito importantes, pois é onde os sujeitos aprendem algumas formas de ser, de estar e de se expressar diante dos outros. Entretanto, há também o processo de autodescoberta que é quando o sujeito passa a identificar-se com os papéis sociais e comportamentos do sexo ou género oposto, tendo-os como preferenciais através das experiências do quotidiano, das brincadeiras infantis e da forma de vestir em detrimento dos papéis que se esperam dele (Mugabe, 2021).

Os adereços físicos e comportamentais são importantes na construção da identidade dos transgéneros, concretamente através da forma de andar, tom da voz, tipo de vestuário usado e exercício de actividades consideradas como pertencentes ao sexo ou género que lhes são opostas (Mugabe, 2021).

Os transgéneros mostram que, embora as identidades de género sejam baseadas nas interpretações sobre a corporeidade, é importante perceber que o corpo e a identidade de género não podem ser olhados a partir de uma perspectiva linear. Entretanto, os homens e mulheres transgéneros estão preocupados com a sua identidade, com o que as pessoas vêem quando olham para eles e para transmitir a forma como se vêem e como querem ser vistos. Ao longo do processo, eles operam um conjunto de transformações físicas e comportamentais como forma de expressar a identidade (Vallela, Santos e Veloso, 2006).

O debate sobre a construção da identidade dos transgéneros mostra que neste processo há um conjunto diversificado de actores e elementos. Por um lado, existe a questão a auto-imagem da forma como os transgéneros querem ser e estar para eles próprios de maneira individual e subjectiva. Por outro, existe a imagem que eles transmitem aos outros sobre quem são nas classificações que existem sobre a identidade de género. Este processo de construção identitária está ligado ao processo de socialização e ao modo como os outros reagem diante dos transgéneros na sociedade.

A moda apresenta-se em todas as dimensões e ocasiões das interações sociais, seja como consumo impulsivo, indumentária, expressão de identidade, ou até mesmo sedução (Affonso, 2012). Ela constitui um arcabouço de itens de satisfação individual e colectiva que são válidos para todas as categorias de género e que são simbolicamente interpretadas em diferentes universos culturais.

A comunidade de transgéneros é constantemente marginalizada e, em alguns contextos, a moda, para além de expressar uma certa identidade, serve como um recurso de contestação, de subversão da ordem social e de resistência à opressão sofrida na sociedade por conta da discriminação e exclusão social (Hennes, 2017; Wollinger e Lima, 2018).

A roupa preenche uma certa função nas interações sociais e nas impressões que os indivíduos pretendem transmitir uns aos outros. Assim, os transgéneros manipulam esse saber para expressar a sua identidade através dos arranjos que são feitos na roupa visto que a transexualidade não é mais vista como um distúrbio, ou transtorno de identidade sexual, como era concebida nos anos de 1950 (Affonso, 2012; Hennes, 2017).

A escolha da roupa e o vestir representam, segundo Foucault e Simmel, a liberdade que o indivíduo tem de modelar o seu corpo, de adoptar traços identitários e de mostrar por fora como se sente por dentro. Entretanto, as roupas também são um mecanismo de controlo social e de regulação do comportamento humano. As pessoas transgéneros representam um grupo social cujas vestes

remetem para uma contradição entre a identidade que o corpo, como elemento biológico, transmite e o conteúdo da componente psíquica da pessoa, havendo esta divergência entre o corpo e a mente (Affonso, 2012).

Embora o acto de exhibir o travestismo represente uma quebra de paradigmas sobre as formas de vestir, de ser e de estar perante os outros, ele permite que o género e a moda se tornem aliados e abram espaço para uma multiplicidade de identidades que podem ser construídas e adoptadas pelos sujeitos. A roupa transforma a aparência e, ao mesmo tempo, torna os indivíduos mais seguros de estarem a revelar a sua essência (Affonso, 2012).

Estes autores discutem a moda dando ênfase ao vestuário como elemento de expressão da identidade dos transgéneros e, para isso, manipulam um conjunto de interpretações simbólicas sobre a roupa e outros adereços que servem para manifestar a identidade. Essas escolhas de moda estão, muitas vezes, ligadas à uma forma de subversão das normas sociais e culturais sobre as identidades de género.

A construção e a expressão da identidade através da moda implicam uma relação entre a parte interior e a parte exterior do indivíduo e a roupa passa a representar um instrumento de mediação, que serve para mostrar por fora o que se é, ou se pretende ser por dentro, de modo a transmitir essa mensagem aos outros e à si mesmo (Wollinger e Lima, 2018).

Entre os transgéneros, a roupa serve como uma segunda pele que tem como principal função mostrar que, embora o sujeito tenha nascido com determinados traços físicos e sexuais, ele não se identifica com a forma como é, e usa a roupa para se aproximar ao seu sexo, ou género-alvo, aquele que é desejada pelo sujeito que faz parte da identidade do mesmo e que define a “essência” do mesmo (Affonso, 2012).

Desta forma, a roupa possui uma função dupla e contraditória: a de construir e desconstruir identidades sexuais e de género vigentes na sociedade, permitindo aos sujeitos o exercício da liberdade de escolha e de manifestação da sua identidade e dos traços com quais se identifica e sente-se a vontade (Affonso, 2012).

A moda representa um arcabouço amplo e que permite que a identidade dos transgéneros seja construída e expressa de diferentes maneiras consoante a subjectividade por detrás da sua conduta. A identidade de género resulta de uma construção permanente e constante que depende das circunstâncias e dos contextos em que os indivíduos se encontram.

#### ***1.4. Formulação do problema***

Através da literatura, encontramos três linhas de interpretação sobre a importância da vestimenta no meio social. A primeira mostra-nos que a indumentária é que determina a conduta dos indivíduos, mas eles são capazes de fazer suas próprias escolhas no processo de construção da sua identidade. A outra abordagem mostra que a moda é um conjunto de instrumentos e recursos de inserção social usada pelos indivíduos para fazer parte de determinados grupos sociais. Por fim, a construção da identidade das transgéneros está ligada à um longo e multifacetado processo de socialização no qual os sujeitos aprendem a expressar as suas identidades para si mesmos e para os outros através da moda.

Diante destas três abordagens apresentadas na revisão de literatura, verificámos que os autores são unânimes quanto à ideia de que a indumentária representa mais do que um acessório usado para cobrir o corpo posto que ela passa a reportar mensagens capazes de ser interpretados tendo em conta o meio no qual o indivíduo está inserido e a sua capacidade de manipular os adereços em função da moda que ele adopta. Observa-se, ainda, uma concordância no que tange à representatividade da indumentária como sendo capaz de atribuir e sugerir identidades entre os indivíduos e o facto de como a moda se associa às questões de identidade.

Todavia, há uma limitação pelo facto dos autores não explicarem em que condição a moda passa a sugerir uma dada identidade às mulheres trans e não explicam em que circunstâncias os indivíduos efectivam a construção da identidade baseando-se na moda, tendo em conta que a identidade de género atribuída a um indivíduo pode não ser a mesma pela qual o indivíduo se identifica sobretudo no contexto moçambicano, pois parte significativa dos estudos lidos é sobre a transgeneridade e moda no Brasil.

#### **1.5. Pergunta de partida**

*De que forma a moda pode ser usada como estratégia de expressão de identidade das mulheres trans na cidade de Maputo?*

## Capítulo II. Quadro Teórico e Conceptual

Para melhor compreendermos as estratégias de expressão da identidade das mulheres trans, propomo-nos analisar este fenómeno à luz de duas perspectivas teóricas, nomeadamente: a Teoria de Goffman (2002), sobre a "Representação do eu na vida quotidiana", como teoria principal, e a Teoria de Dubar (2006), " A construção da identidade", como auxiliar.

A perspectiva teórica de Goffman (2002), é fundamental pelo facto de estar ligada à ideia das acções dos indivíduos no dia-a-dia, usando as representações de papéis sociais, ou melhor, a forma como os indivíduos se percebem depende de como eles representam os papéis sociais. Neste sentido, esta teoria permitiu-nos olhar para o processo de construção de identidade das mulheres trans, na impressão da realidade que tentam dar aos outros usando a moda.

Goffman (2002), propõe uma analogia da vida social baseando-se na ideia de um palco onde os indivíduos, durante a interacção face a face, usam da sua criatividade para gerir as impressões que deles se possa ter. Assim, o autor faz o uso do carácter dramático no qual indivíduos à semelhança do teatro actuam de maneira a tentar convencer à plateia, ou ao público. Entretanto, para tal, eles necessitam das ferramentas certas, ou seja, dos argumentos certos e técnicas assertivas. É justamente destas técnicas de sustentação do eu que o autor trabalha em sua obra.

Goffman (2002), recorre à perspectiva das representações teatrais para descrever as relações sociais que ocorrem num espaço circunscrito, tal como um prédio, uma fábrica, ou uma empresa. Ele parte de princípios dramáticos para examinar como um determinado indivíduo representa seu papel de modo a regular as impressões que os outros têm dele. Na vida real, o papel social não é representado diante de uma plateia que está separada dos actores, mas é "talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes". A vida social é constituída de actores-espectadores, sendo uma fusão de plateia e palco.

A impressão, que se tem de um indivíduo, é dada pela expressão que ele apresenta de si mesmo com o auxílio de outros. A expressão pode ser transmitida, ou emitida. A transmissão de informações é uma actividade intencional de comunicação que utiliza os símbolos verbais conhecidos pelo transmissor e pelo receptor.

A emissão considera as acções não-verbais e supostamente não intencionais do actor. O trabalho de Goffman se detém, principalmente, nas informações emitidas, compreendendo que elas podem

fazer parte de uma comunicação architectada propositadamente. A emissão, geralmente, se associa à transmissão (Goffman, 2002).

As mulheres trans possuem um conjunto de mecanismos socialmente reconhecidos aos quais Goffman chama de adereços que são usados para a identificação da situação social. Neste sentido, as transgéneros usam adereços e estratégias para mostrar aos outros ( a plateia) que elas se vêm desta forma e isso pode ser feito através da conduta e forma de vestir, de falar, de andar, entre outros, e é o que importa estudar a partir desta perspectiva teórica.

Na medida que os outros agem como se o indivíduo tivesse passado uma determinada impressão, podemos dizer que esta comunicação foi efectiva a partir de uma perspectiva funcional, ou pragmática. É inevitável agir com base em inferências. Em geral, os observadores utilizam aspectos do comportamento considerados fora do controlo do actor como evidência de que o que foi comunicado é verdadeiro. Mas como o actor sabe disso, forma-se um jogo de informações, “um ciclo potencialmente infinito de encobrimento, de descobrimento, de revelações falsas e redescobertas”. Neste jogo mantém-se uma assimetria entre actor e observador na qual o observador sempre estará na vantagem já que a capacidade de perceber a manipulação do comportamento é sempre maior que a capacidade de manipular (Goffman, 2002).

O autor mostrou-nos que existem dois estímulos principais de equipamento expressivo identificados que seguem o actor onde quer que ele vá, que são: a aparência e a maneira. A aparência funciona no momento para nos revelar o status social do actor que, no caso específico das transgéneros, seria o momento em que optam por roupas e acessórios que estejam na moda. Quanto à maneira, ela funciona no momento para informar-nos acerca do papel de interacção que o actor espera desempenhar numa determinada situação.

Goffman (2002), inicia o estudo das representações perguntando não sobre a crença dos indivíduos nos papéis representados por outros, mas a crença do indivíduo no papel que ele mesmo representa, ou na impressão que ele pretende passar aos outros. Um actor compenetrado no próprio número pode estar sinceramente convencido de que passa uma impressão que corresponde à realidade.

Num outro extremo, um actor pode não crer na sua própria actuação e não se importar em convencer seu público. Ainda que costumemos a chamar o primeiro de sincero e o segundo de cínico. O sincero não está necessariamente em contacto com a realidade. Contudo, um cínico pode passar a acreditar na sua própria encenação e o caminho inverso também pode ser seguido.

Esta perspectiva teórica é fundamental para compreender como a moda pode servir de estratégia de expressão de identidade das mulheres trans na medida que estes indivíduos podem estar em processo de representação, tomando em consideração o uso da moda para expressar uma identidade criada por ele.

Goffman (2002), propõe que, neste processo, o importante a observar é a crença do indivíduo na impressão da realidade que tenta dar aos outros. Ele mostra também que indivíduos agem à semelhança do teatro, actuando de modo a tentar convencer à plateia, ou ao público. Todavia, para que isso aconteça, eles necessitam das ferramentas certas, de estratégias, dos argumentos certos e de técnicas assertivas para tentar mostrar o que desejam.

A perspectiva teórica usada como auxiliar é apresentada por Dubar (2006), segundo a qual existe dois elementos característicos da identidade, designadamente: a diferenciação e a generalização. Atinente à diferenciação, o autor mostra que a identidade é aquilo que faz a singularidade de alguém, ou alguma coisa em relação a outra coisa, ou outro alguém, ou seja, a identidade, para ele, é a diferença. Quanto à generalização, o mesmo autor mostra que a identidade é o ponto comum à uma classe de elementos diferentes de um todo, isto é, a identidade subjectiva.

Para compreendermos o processo de construção da identidade do indivíduo, há que se ter em conta o conceito de configuração identitária que é, segundo Dubar (2006), as diversas modalidades de actualização das formas identitárias. Com este conceito, o autor mostra que cada indivíduo está propenso a ser identificado, ou identificar-se de formas múltiplas, seja a partir da sua linguagem, da sua aparência física, da sua maneira de vestir, de ser e estar, ou até das actividades que exerce, entre outros.

O conceito de Dubar (2006), mostra que é possível identificarmos duas formas identitárias básicas, nomeadamente: as formas comunitárias, também denominadas por formas culturais, e as formas societárias, designadas também de narrativas.

Para Dubar (2006), as formas comunitárias compreendem aos grupos sociais principais, comunidades, por exemplo, à que cada indivíduo pertence, ou da qual faz parte e que são vitais para a sua existência. Esses grupos podem ser etnias, culturas, nações e corporações. Enquanto as formas societárias constituem colectivos múltiplos, variáveis e efémeros aos quais os indivíduos aderem durante períodos limitados e que lhes conferem as formas de identificação que lhes gerem de maneira provisória e diversa.

O autor mostra que a partir das formas comunitárias e societárias de identificação, é possível, ainda, encontrarmos duas intermediárias: as formas reflexivas e as estatutárias. Com este ponto, o autor mostra que não existe uma forma identitária que prevalece sobre as outras, dependendo de cada contexto em que o indivíduo está inserido é possível encontrar uma forma de identificação em detrimento de outra, complementando-se umas às outras.

Ele defende, ainda, que a identidade é produto da socialização pela qual o indivíduo passa e, desse modo, a socialização constitui uma base para compreender a construção da identidade dos indivíduos. Nesse sentido, Dubar (2006), concebe a socialização como um processo de (des) construção e (re)construção de identidades ligadas às diversas esferas de actividade, principalmente profissional que cada um encontra durante sua vida e das quais deve aprender a se tornar actor. Importa, ainda, referir que a socialização se encontra subjacente às formas identitárias acima referidas, ou seja, o indivíduo se identifica pelo grupo social do qual faz parte, no caso, a comunidade, ou se define pela posição social que ocupa numa organização profissional.

Através desta teoria será possível compreender o processo de construção de identidade de género das mulheres trans e de que modo seu corpo adquire características físicas do género com a qual se identifica através do uso da moda.

## **2.1. Definição e operacionalização dos conceitos**

Nesta fase, são identificados os conceitos-chave da pesquisa e a operacionalização deles. Temos como conceitos-chave os seguintes termos: Moda, identidade, transgénero e mulher trans.

### **2.1.1. Moda**

Segundo Cristo (2010), pode definir-se a moda como sendo um mecanismo que regula as escolhas e as preferências das pessoas. Este mecanismo está associado aos padrões de beleza, indicando-lhes o que podem consumir, utilizar, e usar, destacando-se positivamente nas tendências.

A moda reforça e valoriza o carácter colectivo e, conseqüentemente, planifica a individualidade no sentido de que oferece uma regularidade padronizada para um vestuário. Sem ela, as possibilidades de combinações entre os destinos seriam grandes que o indivíduo colocar-se-ia em dificuldade no momento da escolha por determinado conjunto (Simmel, 2005).

É possível através deste conceito ver que a moda faz nos compreender que o peso das escolhas de um determinado vestuário sem o respaldo do social é elemento que causa tensão na psique

individual. Dessa maneira, o indivíduo que adere à um determinado tipo de moda, em detrimento da outra, insere se, não somente, em um estilo próprio, mas em algo que já foi seguido e respaldado por uma determinada colectividade.

Um estudo feito por Lipovestky (2006), mostra que a moda é um sistema original de regulação e de pressão social. Suas mudanças apresentam um carácter constrangedor e são acompanhadas do dever de adoção e de assimilação que se impõem mais, ou menos obrigatoriamente à um meio social. Tal é o despotismo da moda que foi tão frequentemente denunciado ao longo dos séculos.

Diante dos conceitos ilustrados, propomos seguir com a abordagem de Cristo (2006), que define a moda como sendo um mecanismo que regula as escolhas e as preferências das pessoas, associado aos padrões de beleza, indicando-lhes o que podem consumir, utilizar, e usar destacando-se positivamente nas tendências. Este conceito foi escolhido por conter variáveis que possibilitam a compreensão do tema em causa.

O conceito de moda permite-nos lidar com escolhas e preferências individuais e colectivas numa sociedade em relação à forma de apresentação da sua imagem e aparência perante a si mesmo e perante os outros. É uma forma de identificar-se e se diferenciar dos demais dentro de um grupo, ao mesmo tempo que corresponde a uma forma de se identificar com um determinado grupo de pertença.

### ***2.1.2. Identidade***

Na visão de Guimarães (2008), a identidade é uma construção de um “estilo de vida”, da forma como o indivíduo articula sua narrativa para o outro. Assim, ao escolher um estilo e exibí-lo, o indivíduo satisfaz suas necessidades básicas, enquanto um ser humano, pretendendo também contar uma história: a forma como cada um se vê e quer ser visto no mundo.

Segundo Cidreira (2005), identidade é aquilo que se relaciona como conjunto de entendimentos que uma pessoa possui sobre si mesma e sobre tudo aquilo que lhe é significativo. Esse entendimento é construído a partir de determinadas fontes de significados que são construídas socialmente com o género, a nacionalidade, ou a classe social e que passam a ser usadas pelos indivíduos como plataforma de construção de sua identidade.

Diante destes conceitos, ancorámo-nos na abordagem de Guimarães (2008), na qual define identidade como uma construção de um estilo de vida da forma como o indivíduo articula a sua narrativa para o outro ao escolher um estilo e exibí-lo. Assim, ele satisfaz as necessidades básicas

de um ser humano, pretendendo também contar uma história, a forma como cada um se vê e quer ser visto no mundo. O critério usado para a escolha deste conceito surge na medida que a variável-chave é a construção, ou seja, o processo pelo qual um indivíduo cria sua identidade socialmente, adequando-se ao estilo de vida por ele escolhido. Porém, este conceito serve como lente para entender como esse indivíduo pode expressar sua identidade usando essa construção de identidade.

### **2.1.3. Transgénero**

É uma identidade de género que consiste na forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento de acordo com as expectativas sociais de aparência e de comportamento de um determinado género. A identidade de género depende da cultura em que a pessoa vive (Silva, 2007).

O termo transgénero abrange um grupo diversificado de pessoas que não se identificam em graus diferentes com componentes e/ou papéis esperados do género que lhes foi determinado aquando do seu nascimento (Jesus, 2012).

Este conceito remete-nos para uma dissociação entre a identidade, que a pessoa pretende assumir, e os papéis sociais que são esperados na sociedade em função do sexo e género que lhe são atribuídos na sociedade. Assim, essa dissociação resulta numa mudança de papéis em que o que se espera que num homem, ou mulher haja como tal, porém, identifica-se com o sexo ou género oposto e com os seus papéis.

Ávila (2010) , define transgénero referindo-se à uma pessoa que sente que ele, ou ela pertence ao género oposto, ou pertence à ambos, ou à nenhum dos dois sexos tradicionais, incluindo travestis, transexuais, intersexuais, *Drag queen* (interpretação de um personagem feminino) e *Drag king* (interpretação de um personagem masculino).

Com estes conceitos é possível compreender que a experiência transgénera se fundamenta na incongruência entre o sexo biológico e o género pelo qual uma pessoa deseja ser reconhecido socialmente, ou melhor, o transgénero pode se identificar como homem, mulher, homem trans, mulher transou, ou como uma pessoa não binária, sendo uma pessoa que cria sua própria identidade de género.

#### **2.1.4 Mulher trans**

Segundo Souza (2018), mulher trans oriundo da palavra “transgénero”, tem sido utilizado na sociedade para definir os indivíduos que, de algum modo, se declaram em processo de transição de género, ou seja, pessoas que vivenciam, ou pretendem vivenciar papéis de género feminino.

Mulher trans consiste numa pessoa que foi designada como homem na sua nascença, mas se considera uma mulher e que, conseqüentemente, reivindica o reconhecimento social e legal como mulher (Jesus, 2012).

Assim, a partir desse conceito, é possível perceber que mulheres trans agem de acordo com o que reconhecem como próprio de seu género e que, geralmente, sentem que seu corpo não está adequado à forma como pensam, ou se sentem e querem “corrigir” isso adequando o seu corpo à imagem de género que tem de si mesmas.

### **Capítulo III. Metodologia**

Neste capítulo do trabalho, apresentamos a metodologia que adoptámos para a realização do nosso estudo. Sendo assim, trouxemos os métodos usados para a definição da população em estudo, os procedimentos que seguimos para colocar em prática cada um destes elementos utilizados, as técnicas de recolha de dados, os critérios de definição da amostra, a forma como prosseguiu a colecta de dados e os constrangimentos enfrentados durante a recolha dos dados.

#### ***3.1. Método de Pesquisa***

Este trabalho é fruto de uma pesquisa qualitativa que, segundo Richardson (2008), é uma forma adequada de entender a natureza de um fenómeno social na medida que pode ser caracterizada como a tentativa de compreensão detalhada dos significados e condições de determinadas situações sociais. Optou-se por uma pesquisa qualitativa porque nos permitiu a melhor compreensão do processo de construção da identidade. Esta abordagem permitiu-nos, ainda, captar aspectos subjectivos como, por exemplo, as emoções das mulheres trans sobre como a moda se relaciona com a sua identidade de género e como ocorre esse processo.

#### ***3.2. Método de Abordagem***

Quanto ao método de abordagem, foi seleccionado o hipotético-dedutivo que, de acordo com Demo (2000), parte de um problema definido pelo pesquisador e que é solucionado através das hipóteses de investigação que são sujeitas à verificação através da pesquisa empírica, dando uma sustentabilidade ao argumento trazido na pesquisa. A aplicação deste método parte da leitura de estudos sobre a construção de identidade de género das mulheres trans e sobre como elas constroem sua identidade através da moda.

#### ***3.3. Método de Procedimento***

Relativamente ao método de procedimento, foi escolhido o método monográfico que, segundo Gil (2007), parte do princípio de que o estudo de um caso pode ser considerado representativo em muitos outros, ou seja, é entendido que o estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo exaustivo, permitindo conhecer ampla e detalhadamente a área seleccionada.

A escolha deste método deveu-se ao facto dele poder conceber uma análise profunda do objecto., sendo capaz de permitir a representação de outros casos semelhantes através da exploração de poucos casos. Tendo em conta este pressuposto, foi possível, através dos casos identificados,

obter informações capazes de fazer uma exploração do objecto no que tange à construção da identidade de género mediante a forma como as mulheres trans se sentem representadas através da moda.

### **3.4. Universo e Amostra**

No âmbito da realização desta pesquisa, o universo populacional é constituído por mulheres trans residentes na Cidade de Maputo. O critério de inclusão destes sujeitos na pesquisa é o reconhecimento que elas se dão, ou têm delas mesmas como mulheres transgéneros.

Geralmente, torna-se impossível obter informação de todos os elementos que formam o grupo que se deseja estudar, seja porque o número de elementos seja maior, os custos sejam muito elevados, ou ainda porque o tempo pode actuar como agente de distorção (Richardson, 2008).

Embora existam várias maneiras de seleccionar uma amostra, muitos autores se diferem entre si quanto à classificação da amostra.

#### **3.4.1. Amostra**

A amostra desta pesquisa foi definida por saturação e abarcou 8 mulheres trans no total, que segundo Fontanella, Ricas e Turato (2008), a amostragem por saturação teórica, é a suspensão da inclusão de novos participantes na pesquisa quando os dados passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, uma certa redundância, ou repetição, não sendo considerado relevante continuar com a colecta de dados.

No caso desta pesquisa, o ponto de saturação manifestou-se a partir do momento em que as mulheres trans começaram a apresentar os mesmos tópicos e seguiam o mesmo padrão. Foi a partir deste momento que o número de participantes tinha sido definido, pois não havia introdução de novos elementos ou tópicos nos depoimentos das participates.

### **3.5. Técnica e tipo de amostragem**

Para esta pesquisa, foi usada a amostragem não-probabilística, pois nos possibilitou a livre escolha de decidir quais seriam os elementos da população a serem incluídos na amostra. Nesta senda, foi usada a amostragem intencional na qual o pesquisador está encarregado de conduzir a investigação dependendo de seu próprio julgamento para escolher os membros que farão parte do estudo (Richardson, 1999).

Os critérios de inclusão de participantes nesta pesquisa foram: as mulheres trans cujas idades partem dos 23 aos 35 anos, residentes na Cidade de Maputo e que apresentassem disponibilidade para participar da pesquisa. Quanto aos critérios de exclusão, destacou-se: mulheres que não se enquadraram na categoria transgénero.

### **3.6. Técnica de colecta de dados**

Para a colecta de dados, foi usada a entrevista semiestruturada que, elaborado, apresenta, na sua maioria, perguntas abertas com o objectivo de buscar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, entre outras.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas a fim de que uma delas obtenha informações à respeito de um determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. (Marconi e Lakatos, 2003).

Essa técnica permitiu um contacto directo com os participantes através da administração de um roteiro previamente formulado no qual as entrevistas foram administradas de maneira individual o que permitiu que não houvesse um condicionalismo nas respostas dos participantes. O tempo das entrevistas foi de 13 à 20 minutos.

A técnica de entrevista foi combinada à técnica de observação directa, que é uma técnica de colecta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Esta técnica não consiste, apenas, em ver e ouvir, mas também em examinar factos, ou fenómenos que se desejam estudar (Marconi e Lakatos, 2003).

A observação directa nesta pesquisa permitiu-nos visualizar os gestos, as atitudes, a forma de vestir, a forma de falar e os acessórios usados pelas mulheres trans.

Os dados foram recolhidos de forma presencial, usando um celular para a gravação das entrevistas, mediante a permissão que foi dada pelas entrevistadas através do preenchimento do termo de consentimento informado. Após a gravação, os dados foram armazenados em áudios e transcritos para o papel para ser feita uma posterior análise.

### **3.7. Técnica de análise de dados**

A análise de dados procedeu-se com base na técnica de análise de conteúdo que consiste na análise das mensagens e os discursos que permitam obter conhecimentos importantes para a pesquisa. Neste tipo de análise, os dados são considerados totalmente brutos, havendo a

necessidade de serem trabalhados com vista a refinar seu conteúdo e encontrar elementos relevantes para a pesquisa (Richardson apud Bardin, 2008, p.223). Esta técnica foi usada para analisar os depoimentos obtidos através das entrevistas, assim como os significados advindos das mensagens das participantes uma vez que as entrevistas estavam em áudios. Nesta senda, primeiramente, foi feita a transcrição das mensagens para posterior categorização e, por último, uma análise.

### ***3.8. Questões éticas***

Segundo Aurélio Ferreira (2005, p.383), a ética está directamente ligada aos princípios e valores que determinam a conduta humana em relação ao meio em que vive que, por sua vez, destaca alguns princípios da ética na pesquisa: o princípio da beneficência, que consiste em garantir o bem-estar do sujeito envolvido; o princípio da justiça, que é o amparo de grupos sociais, culturais, raciais, entre outros; e o princípio do consentimento informado.

No que tange ao consentimento dos entrevistados, pediu-se uma autorização para a gravação das entrevistas durante o momento da recolha dos dados. As entrevistas foram gravadas com recurso ao uso de telefone e, posteriormente, guardadas em áudio de acordo com a numeração da entrevista, no entanto, após o seu uso foram apagadas.

Com vista a preservação da identidade dos participantes da pesquisa, elas identificaram-se a partir do número da entrevista. A análise de dados foi feita observando outras categorias que não envolvem o nome das participantes. As entrevistas foram dirigidas em lugares à escolha dos participantes como forma de fazer com que elas se sentissem mais à vontade.

### ***3.9. Constrangimentos da pesquisa***

No decorrer da pesquisa tivemos constrangimentos ligados à recolha dos dados, na qual foi registado o incumprimento do horário por parte de algumas entrevistadas, assim como o adiamento das entrevistas o que, de certo modo, comprometeu a realização de algumas entrevistas porque houve situações em que acontecia uma coincidência de horário, daí que, como forma de ultrapassar este desafio, muitas vezes, tivemos que endereçar um pedido de desculpas e reajustar as entrevistas de modo a que não perdêssemos as entrevistadas que já se haviam comprometido. Ademais, um outro constrangimento, o último, onde algumas entrevistadas exigiam algum benefício, como pagamentos em dinheiro em troca de informação, tendo desistido algumas que não se conseguiram convencer.

## **Capítulo IV: Apresentação, análise e interpretação dos dados**

No presente capítulo, são apresentados os dados obtidos durante a realização do trabalho de campo e é feita análise e a respectiva interpretação dos dados. Assim, os dados em análise estão organizados da seguinte forma: (i) apresentação do perfil sócio-demográfico das participantes da pesquisa; (ii) experiências de autodescoberta das mulheres trans; (iii) a construção da autonomia das mulheres trans e a expressão da identidade social; (iv) as preferências de indumentária das mulheres trans; (v) as motivações por detrás das escolhas de vestuário e acessórios entre mulheres trans; (vi) o uso de roupas femininas na demonstração da identidade; e (vii) estratégias de expressão de identidade das mulheres trans.

### **4.1. Perfil sociodemográfico das mulheres trans**

Nesta pesquisa, foram entrevistadas oito (8) mulheres trans cujas idades compreendem dos 23 aos 35 anos. Uma característica presente em todas as mulheres trans entrevistadas é que elas se vestem e se apresentam com roupa e penteados socialmente definidos como femininos. Por esta razão, são frequentes as denominações para designar como mulheres trans por, precisamente, adotarem comportamentos e práticas socialmente consideradas femininas.

Atinente à questão religiosa, as participantes eram cristãs (2), e algumas católicas (2) sendo uma parte delas apenas afiliadas a algumas igrejas como; (1) do Ministério Divina Esperança, uma (1) da Igreja Anglicana, duas (1) da Igreja Assembleia de Deus, uma (1) da Igreja Presbiteriana e as restantes referiram que eram católicas.

Em termos de níveis de escolaridade, algumas mulheres trans encontravam-se a estudar, sendo que uma (1) frequentava o ensino médio, duas (2) frequentavam o ensino superior e uma delas, a participante mais nova, fazia licenciatura em jornalismo. Das mulheres trans entrevistadas apenas uma (1) tinha concluído o nível superior em psicologia na UEM. Entretanto, há um número considerável de mulheres trans que têm até o nível de médio e que não pretendem retomar os estudos. Duas (2) das oito (8) pararam de estudar, tendo concluído o nível médio. No entanto, outras duas (2) não concluíram o nível médio, tendo obtido o grau de 11ª classe. As participantes, que pararam de estudar, advogaram que devido ao preconceito, acharam impossível concluir seus estudos.

No que diz respeito à profissão das entrevistadas, quase todas as mulheres trans exercem uma função na associação LAMBDA, excepto uma. Algumas delas apresentam-se como activistas da

LAMBDA, outras como professoras de dança/bailarinas, uma (1) como apresentadora de televisão, uma (1) recepcionista, uma (1) estilista e maquiadora.

Ainda no contexto das profissões, a maioria trabalha como agentes comunitárias e activistas na Associação LAMBDA, com excepção de quatro (4) que, para além de trabalharem como agentes comunitários e activistas na Lambda, desenvolvem outras actividades. Três (3) delas trabalham também como professoras de dança, dentre estas três (3), para além de serem professoras de dança, uma (1) é recepcionista da lambda, outra é também apresentadora de televisão e, a última, é *Drag queen* (actuando em eventos como festas, de aniversário, casamentos, espectáculos e intérprete de músicas de artistas famosos) e uma (1) das mais velhas, que não está filiada à Associação Lambda, é estilista e maquiadora.

Uma das mulheres trans vive maritalmente e tem um filho. O seu parceiro é bissexual e o filho do casal é do outro relacionamento do seu parceiro. A mãe biológica do seu filho perdeu a vida. Quanto à residência das entrevistadas, todas residem na cidade e província de Maputo, nos seguintes bairros: Khongolote, Bagamoio, Zimpeto, Laulane, Malhangalene, Polana Caniço B, Maxaquene A.

A partir destes dados referentes ao perfil sociodemográfico, podemos observar que na sua maioria as participantes têm até o nível médio, na medida que apenas uma é formada e três (3) ainda frequentam a escola. As restantes apenas possuem com o nível médio. Relativamente à variável idade, os dados apresentam diversidade na medida e que o grupo-alvo é constituído por mulheres trans com uma diferença de idade de no mínimo 10 anos. No que diz respeito à residência e actividade remunerada, as entrevistadas são residentes em diferentes locais da Cidade e Província de Maputo e algumas trabalham na Lambda como agentes comunitárias e activistas, com excepção de algumas que, para além de serem agentes comunitárias e activistas na Lambda, desempenham outras actividades. Uma das entrevistadas não está afiliada à Lambda, no entanto, desempenha outras actividades.

#### **4.2.Experiências de autodescoberta das mulheres trans**

Neste subcapítulo, apresentam-se e se exploram os elementos inerentes ao processo de construção das identidades das mulheres trans desde as suas experiências e trajectórias até assumirem-se como transgénero, de modo a entender como começa essa transformação e como foi lidar com a situação.

#### **4.2.1. A transgeneridade como uma característica exterior aos indivíduos**

Todas as participantes da pesquisa revelaram que não foi exactamente uma descoberta a tendência à transgeneridade, mas que nasceram mulheres, ou seja, em hipótese alguma, elas se consideraram homens. As entrevistadas informaram que por terem nascido em corpos masculinos, iniciou uma turbulência na sua infância, quando com dúvida de entender e de tentar explicar quem exactamente elas eram. Contudo, a partir da convivência com os outros e noutros círculos de sociabilidade, como no grupo de amigos, elas começaram a desenvolver atitudes e comportamentos femininos, começando, por conseguinte, a apreciar e cobiçar a roupa feminina e a brincarem “como mulheres”.

*- " Eu graças a Deus sempre vivi em ambiente muito nice, meus pais são maravilhosos, por aí aos 10 anos de idade, eu já escolhia as minhas coisas, tipo brinquedos e tal e eles viam que eu estava mais inclinada para as coisas femininas, sempre fiz amizades com meninas, porque eu não digo que me descobri, eu nasci menina" (P2, 24 anos).*

A partir deste depoimento, podemos ver que para essa mulher trans, a família foi muito importante no seu processo de autoconhecimento e da sua identidade de género dado que os pais sempre a apoiaram psicologicamente, mostrando que ela não estava sozinha, isso desde a sua infância, quando ela sempre demonstrava inclinação e gostos para a parte feminina e para os pais, principalmente, a mãe que sempre esteve do seu lado.

*- "Sempre me sentia estranha quando me davam carinhos, bolas para jogar, eu não queria, eu gostava de bonecas e nas brincadeiras de pai e mãe eu sempre queria ser a mãe ou a filha, me sentia desconfortável com roupa e sapatos masculinos, isso na fase dos 9 anos por aí " (P3,24 anos).*

É na família e no contexto da socialização que são feitos os primeiros processos de construção das diferenças sociais das raparigas e dos rapazes. Por um lado, na família, o rapaz é ensinado a brincar com carrinhos, jogar a bola e, principalmente, quando o tempo já for oportuno, ele é transmitido a ideia de que deve se relacionar sexualmente com mulheres. Por sua vez, às raparigas é ensinado a brincar com bonecas, panelinhas, usar saias, entre outras brincadeiras de lazer.

*- "Só que na minha infância eu não entendia o que estava a acontecer, e eu já tinha uns tiques meio assim de bixa, como as pessoas dizem e por isso eu aceitava tudo*

*que diziam que eu era, como as roupas masculinas, e tinha que brincar com rapazes*  
" (P4,30 anos).

Aqui, podemos observar que todas as participantes, até esta fase, afirmam, categoricamente, ter nascido mulheres e que só lamentam o facto de estar em um corpo masculino e que, por isso, a sua trajectória foi assolada por momentos de dúvida e turbulência, principalmente, na idade em que se encontravam, nesse caso, a fase da infância.

Através dos depoimentos acima citados, percebe-se que identidade das mulheres trans está ligada à uma concepção de que a transgeneridade não foi produto das relações sociais, mas de uma componente com a qual nasceram e que elas a identificaram ainda nos primeiros momentos das suas vidas. As brincadeiras da infância foram um momento importante de descoberta de preferências e de configuração de adereços (Goffman, 2002), que, mais tarde, viriam a servir de suporte para a identidade que elas pretendiam apresentar diante dos outros. Um momento muito importante de ressaltar é que a transgeneridade foi identificada pelas participantes a partir do momento em que, enquanto tinham corpos de homens, se sentiam mulheres, facto que fez com que se sentissem num corpo errado (Mugabe, 2021).

#### ***4.2.2. Adolescência e fase adulta: Gestão da identidade e conflitos familiares***

Nesta fase, as participantes, após compreenderem que não se adequavam à condição de género a a qual pertenciam, optavam por alguns mecanismos, mas que não deixasse seus familiares desconfortáveis.

*- "Na escola eu já tentava modificar o meu uniforme, um aperto aqui outro ali (...) na adolescência, quando tinha por ai 16 anos, ainda não podia vestir-me e assumir socialmente a minha sexualidade, eu ainda vivia de mesada e morava com meus pais, eu mesma achei injusto fazer isso com os meus pais que sempre foram tão bons comigo, apesar de que no fundo eles já sabiam, eu não me sentiria bem em colocar roupa feminina em casa dos meus pais, meu desejo era sair de casa para poder viver do meu jeito desde que comecei a me sentir desconfortável com o meu ser " (P2, 24 anos).*

Este depoimento mostra que a entrevistada teve que fazer uma ponderação de escolhas entre os seus objectivos e as expectativas dos seus pais. Ela conscientizou-se sobre a situação e colocou os sentimentos dos pais em primeiro lugar e resolveu retardar sua aceitação perante a sociedade por

receio em magoar os seus pais porque, por mais que eles estivessem do lado dela, seria um desconforto para ambas partes conviver com a situação, pelo menos debaixo do mesmo teto. O mesmo, podemos constatar no depoimento a seguir:

*- " Então na fase da adolescência eu tentei negar, quando tinha por ai 17 anos, eu tentava fazer de tudo para parecer um homem, porque tinha medo da reacção dos meus pais, dos vizinhos, então eu tentava esconder de todas as maneiras possíveis, digo isso porque minha voz já era fina, eu andava como mulher e só queria ter amizades femininas (...) comecei a tomar suplementos para ter barba, tentei engrossar a voz e fazer de tudo para fazer parte do mundo masculino, mas não consegui. Meus pais já comentaram sobre homossexualidade, e os comentários não eram bons, então aquele receio de dizer que eu era trans só aumentava a cada dia (...) eu não trabalhava, não teria como suprir meus caprichos, mesmo que eu quisesse assumir minha identidade, então pra mim não tinha cabimento ser mulher e não poder me vestir como uma mulher e me apresentar como uma " (P3,24 anos).*

No depoimento acima, podemos depreender que para esta mulher, a família serviu como um mecanismo de controlo social (Durkheim, 1978), tanto que arranjou artifícios para tentar esconder aquilo que ela é. Nesse caso, a transgénero chegou a tomar suplementos para obter a barba, que é um elemento que identifica um indivíduo como sendo do sexo masculino, de modo a preservar sua imagem para que a sua família não ficasse contra uma vez que percebia que os seus pais eram contra a homossexualidade e a probabilidade de serem contra a sua identidade de género era maior. Logo, o facto de não poder ter condições financeiras, que lhes pudessem suprir as necessidades como mulher, também contribuiu para que a aceitação fosse tardia. O próximo depoimento mostra-nos isso:

*- " O barulho começou por aí nos meus 14 anos, na minha adolescência, (...) então aos 16 a minha primeira paixão foi por um homem, eu tive a certeza que eu não era um homem,então comecei a pesquisar na internet para me informar das coisas que sentia e tal, primeiro pensei que eu estava louca,(...), mas o problema era, como fazer isso, surgiu aquele medo, o que as pessoas vão dizer, o que minha família vai pensar, será que devo, eram muitas questões na minha mente, mas o mais importante era minha família " (P4,30 anos).*

O medo e a vergonha em assumir sua identidade perante os outros, foi um factor determinante para as entrevistadas. No entanto, os factores idade e a condição financeira impulsionaram, de forma

negativa, para que atingissem esse objectivo. O facto de as pessoas assumirem-se como transgéneros não é algo muito comum entre as famílias moçambicanas. Esse facto criou um certo desconforto e receio no que se refere à reacção dos outros, principalmente da família, como mencionou a participante na passagem acima. Entretanto, o mesmo sucede no depoimento a seguir:

*- " Fui obrigada a escolher entre minha família, e ser quem sou hoje, então escolhi viver da forma que me sinto feliz, meu pai é o pior homofóbico e transfóbico da face da terra, tentei preservar a eles mais não dava mais, estava sufocada (...),aos 18 anos procurei um emprego, consegui alugar meu cantinho. Meu pai não me aceita até hoje, só minha mãe que as vezes fala comigo " (P7, 25 anos).*

Tal como podemos depreender dos depoimentos acima apresentados, são estas condições e contexto que as participantes vivenciam suas primeiras experiências como mulheres trans em torno das expectativas que elas têm dos seus familiares, amigos, colegas, idade e condições económicas, entre outros. A expectativa sobre o que vão pensar após revelar a sua identidade faz com que o grupo adopte estratégias visando uma gestão identitária perante os outros.

Para compreender o processo de construção da identidade do indivíduo há que se ter em conta o conceito de configuração identitária que são, segundo Dubar (2006), as diversas modalidades de actualização das formas identitárias. O autor mostra que cada indivíduo está propenso a ser identificado, ou se identificar de formas múltiplas, seja a partir da sua linguagem, sua aparência física, sua maneira de vestir, de ser e estar, ou até das actividades que exerce, entre outros.

#### **4.3.A construção da autonomia das mulheres trans e a expressão da identidade social**

Quando as mulheres trans reconheceram que seu corpo não se adequava à imagem de género que elas tinham de si mesmas, ou seja, as experiências por elas vivenciadas na sua trajectória de vida ou no seu processo de construção de identidade, houve um momento importante nas suas vidas que estava ligado à sua autonomia (Touraine, 2005), à possibilidade de viverem segundo suas próprias vontades e aspirações.

##### ***4.3.1. A vida em casa dos pais como um elemento de privação e auto-repressão***

As mulheres trans enfrentam diversos obstáculos no processo de construção da sua identidade e algumas participantes mencionaram que as regras e valores da casa dos seus pais podem se apresentar como um factor de constrangimento aos seus interesses na medida que elas não podem se vestir como querem sobretudo por não terem a intenção de criar desconforto na sua família.

- " *Mas enquanto estive a viver com os meus pais não podia comprar roupas e coisas de meninas, muito menos vestir-me como uma mulher, porque meus pais é que me davam dinheiro, apesar de que eles sempre foram muito bons comigo, mas eu em respeito a eles que sempre me respeitaram também, era meu dever, por isso a independência financeira foi muito importante na minha vida* " (P2, 24 anos).

As influências de amigas e das redes sociais são importantes, pois servem como referências para as mulheres trans. O depoimento a seguir mostra que a entrevistada teve contacto com trabalhadoras da Lambda, e a partir disso, passou a idealizar um determinado estilo de vida que não podia ter na sua condição financeira, principalmente, por estar a residir em casa dos pais, o que fez com que ela vivesse as suas vontades às escondidas.

- " *Antes de começar a trabalhar e poder comprar as minhas coisas, eu conheci três mulheres trans, elas já trabalhavam na Lambda (...) aos 18 anos eu cobiçava a vida que elas levavam elas vestiam-se muito bem, cobertas de acessórios, então aproximei-me delas, nos tornamos amigas, isso sem meus pais saberem... com elas aprendi muita coisa, vestia as roupas delas, perucas, me maquiava... olhava para o espelho e amava aquela pessoa* " (P3,24 anos).

A condição económica e a submissão às regras de casa, por parte de algumas participantes, foi um factor relevante em termos de privação de certos comportamentos sobretudo em relação à forma de vestir, de ser e de estar que era condicionada ao que parecia correcto aos olhos dos seus pais. Não obstante, a apresentação visual das mulheres trans, em termos de indumentária, implica a posse de valores monetários que não estão ao alcance de pessoas desempregadas, ou sem fonte de renda o que acaba gerando uma repressão de vontades e desejos, levadas a cabo pelas próprias mulheres trans.

#### ***4.3.2. A independência económica e social como elementos de autonomia***

As mulheres trans não passam somente por situações de privação. Elas também possuem margem de manobra e conseguem manipular recursos de forma a alcançar os seus interesses. Algumas participantes afirmaram que, por via da independência financeira, encontraram a motivação que faltava para assumirem-se socialmente. Não obstante, o medo e receio em assumir quem eram na fase da adolescência também foi um factor que contribuiu negativamente, pois o desejo principal destas mulheres era poder vestir e se comportar como uma mulher perante a todos e não apenas no seu interior.

- *" Comecei a viver do jeito que eu queria e sonhava, em 2010 comecei a trabalhar como cabeleireira, na altura o meu salário era suficiente saí de casa, aluguei meu cantinho (...) quando contei a eles não ficaram chocados, aceitaram, me chamaram para conversar (...), meus pais são maravilhosos mesmo, nunca tive problemas graves com eles "* (P2, 24 anos).

Através do depoimento acima, pode-se perceber que ter alcançado a independência financeira foi um elemento fundamental para que a participante revelasse sua identidade de género à todos, deixando o medo e o desconforto de lado porque, de certa forma, podia comprar e fazer uso das suas vestimentas para mostrar quem, de facto, ela era.

- *" A primeira vez que trajei algo feminino foi de noite ia a uma discoteca, só que não eram minhas roupas, então depois vi a necessidade de ter as minhas próprias coisas, comecei a procurar emprego, consegui um na Lambda, (...) Falo muito pouco com a minha família sinto que a relação já não é a mesma, mas eles me respeitam "* (P3,24 anos).

A família é o primeiro agente socializador dos indivíduos e o que podemos ver é que, antes de tomar qualquer decisão, as mulheres trans se preocupavam sempre com o que a família diria, o que pensariam e depois vêm a colectividade. Para além da condição financeira, que é um factor frequentemente mencionado por elas, existe também o que chamamos de interiorização de normas e valores disponíveis no meio social em que está inserido (Osório, 2004).

- *"Meus pais sempre foram bons comigo e sempre super maravilhosos e compreensivos, eles até já me levaram ao psicólogo quando era mais nova, meus pais são vividos e sabem que existem orientações sexuais diferentes, fora da padronização. Mas foi só com 18 anos que me assumi socialmente (...) morei com meus pais sendo trans e só saí de casa quando comecei a trabalhar, e então aos 24anos resolvi sair de casa. Começar a trabalhar foi muito importante "* (P5,31 anos).

Com estes depoimentos, constatou-se que a independência financeira contribuiu, de forma positiva, na trajectória dessas mulheres trans, no que diz respeito ao assumir, tanto individual, assim como socialmente e serviu de motivação para mostrarem ao mundo o que elas realmente eram. Elas partiam do pressuposto de que viver em casa dos seus familiares e receber uma mesada não seria possível suprir seus desejos e caprichos, enquanto mulheres, e que , conseqüentemente, seria uma

conduta desviante (Goffman, 2002), principalmente com os seus pais, se elas se comportassem de forma distinta ao que foi socialmente padronizado.

#### **4.4. As preferências de indumentária das mulheres trans**

Neste subcapítulo, identificámos as preferências de vestuário, calçados, acessórios que compõem a indumentária das mulheres trans, como é feita a selecção do que vestem e como se apresentam no seu quotidiano.

Através dos depoimentos, pudemos entender que as participantes se assemelham no uso da roupa feminina, precisamente na preferência por “roupa formal” no ambiente de trabalho, no entanto, elas têm tendência à versatilidade no uso de roupas e acessórios “menos formais” em outros espaços sociais:

*- " Me identifico com roupa feminina, gosto de calças apertadas, camisas com um tecido cetim assim por exemplo, camisolas, macacão, sapatilhas, fatos, sou mais versátil, e depende muito da ocasião, tenho a minha pequena empresa, onde fazemos as roupas, recebemos clientes e eu tenho que passar uma boa imagem aos meus funcionários, vestindo algo que passe uma boa mensagem " (P1,35 anos).*

Através deste depoimento acima, percebe-se que para esta entrevistada passar uma boa imagem através do que veste é um elemento importante a ser levado em consideração no momento em que decide sair à rua, principalmente no seu local de trabalho onde pretende transmitir autoridade, força, segurança e credibilidade aos seus funcionários e clientes. Ela comunica essas características por meio do que veste e como se apresenta, portanto ela usa a roupa a seu favor.

*- " Claramente que é roupa feminina, mas gosto mais de roupas formais por causa do trabalho, fatinhos, calças apertadas, vestidos longos, saias formais também, aquelas justas até o joelho...só depois do trabalho ou aos finais de semana, uso também saias curtas, roupas mais ousadas ou mais soltas assim" (P6, 23 anos).*

*- " Eu adoro saias curtas, vestidos curtos, mas não me veste assim no meu trabalho, no trabalho gosto de optar por roupa formal, para ter aquele bom aspecto, não posso colocar roupa curta lá " (P2,24 anos).*

Depois desses depoimentos, pudemos ver que algumas entrevistadas preservam sua imagem e acreditam que a forma como elas apresentam os seus adereços físicos (Goffman, 2002), diz muito

sobre como elas são, ou seja, sua personalidade. Elas referenciaram o uso de unhas artificiais, cílios artificiais e próteses como algo fundamental, dando a conhecer ainda os critérios usados na escolha do vestuário e acessórios a usar no seu dia-a-dia onde uma parte afirmou categoricamente que a ocasião é um elemento crucial na hora da escolha da roupa. O próximo depoimento ilustra isso:

- " *Depende muito da ocasião, onde eu estou, se é trabalho estou sempre formal, pantalonas, blazers, até fatos femininos também amo, não pode faltar, sapato alto adoro, deixa qualquer look muito mais chique (...), mas numa saída com o damo e quando vou pra noitada e tal, coloco coisas que me deixam o mais a vontade possível, mini saias, roupas fresquinhas, vestidinhos e etc* " (P8, 35 anos).

Quanto aos critérios usados e suas preferências, nota-se que as expressões “onde estou, para onde vou” foram citadas pela maioria das participantes até esta fase o que faz perceber que a questão de espaço social designado por Simmele Raymond (1995), como sendo um campo de interrelações sociais constitui um elemento importante composto de diferentes significados que reflectem o quotidiano das mulheres trans no momento de classificação da roupa a usar.

#### **4.5. As motivações por detrás das escolhas de vestuário e acessórios entre mulheres trans**

Por detrás das preferências e escolhas de vestuário e acessórios feita pelas participantes, existem motivações na qual a mais citada no texto anterior referente à mensagem a ser passada. No entanto, foram destacadas outras motivações.

No que concerne às motivações citadas pelas restantes entrevistadas, apresentam, para além da mensagem que vai ser passada, a questão dos gostos, dos estilos e da marca. No entanto, as elas salientaram que o gosto nem sempre é uma questão particular- Bourdieu (2007), advoga que algumas roupas e maneira de se vestir são práticas classificadas e reproduzidas socialmente em função dos hábitos.

Deste modo, afirma-se que as entrevistadas têm a ideia de que os seus gostos, estilos e a marca é algo compartilhado por outros nas relações sociais, ou seja, referem que os gostos desses mesmos indivíduos são fruto de uma ordem social desenvolvida pelos actores no decorrer da sua vida em diferentes circunstâncias.

- " *Eu gosto de roupas muito sensuais, porque gosto de chamar atenção, não gosto de passar despercebida, sempre faço as unhas (...), quero que saibam que ela está chegar, só que as pessoas não percebem, nem sempre estar sexy é vestir “like a*

*bitch”, porque associam a sensualidade a vulgaridade então gosto de deixar tudo muito bem claro” (P5,31 anos).*

Depois dessa passagem, é possível perceber que para essa participante o principal motivo da escolha do seu vestuário e acessórios, no seu dia-a-dia, está directamente ligada ao exibicionismo, ao facto de querer sempre chamar a atenção dos outros de modo a ganhar visibilidade.

*- " Eu sou a favor de que a pessoa não pode sair de casa com tudo pirata, por mais que esteja bonita, (...) marca, é uma das coisas que mais me motiva, porque eu gosto de fazer combinações, então sempre que posso, procuro deixar aquele olhar de admiração dos outros quando passo, mostrando que conheço as coisas, por isso se tem algo pirata deve ter uma coisa original " (P7,25 anos).*

Uma outra motivação identificada através do depoimento dessas mulheres trans é o facto da existência dos gostos e estilos. Eis, a seguir, o trecho:

*- " Quando me visto e escolho as minhas roupas, a primeira coisa que eu considero é o meu bem-estar, sentir-me confortável, esse é o primeiro passo, gosto de coisas que fazem meu estilo, mesmo quando adquiero novas peças, sempre tento adequar ao meu estilo, apesar de que gosto de estar na moda não fico totalmente de fora, procuro estar dentro do padrão. Que vejam e saibam que conheço as coisas de marca e da moda " (P3, 24 anos).*

Podemos depreender através das passagens aqui destacadas que o motivo de certas escolhas está ligado ao facto das participantes tentarem se exhibir, aliando o mesmo às marcas como uma das mais predominantes técnicas porque as entrevistadas argumentam que vestir certas roupas e acessórios constitui uma forma de puxar a atenção para o corpo e, deste modo, optam em fazer uso de roupas chamativas e consideradas conhecidas por muitos como tendo alguma relevância, ou elegância.

#### **4.6.O uso de roupas femininas na demonstração da identidade**

Neste subcapítulo, discute-se a questão relacionada à forma como as mulheres trans se expressam perante a sociedade a partir da roupa tendo em conta dois pontos centrais. Primeiro, sobre o significado atribuído pelas mulheres trans à roupa e, em segundo, sobre a reacção dos outros em relação ao modo como se apresentam.

#### **4.6.1. Significados atribuídos pelas mulheres trans à roupa**

Com vista a reflectir sobre como a roupa poderia mostrar uma identidade de género, procurou-se saber das participantes se a forma delas de vestir estaria ligada à algum traço que pudesse mostrar aquilo que elas são. Portanto, as entrevistadas foram unânimes ao afirmar que a forma de vestir está directamente ligada à forma como elas se representam em algum momento, conforme ilustram os depoimentos:

*- " As minhas roupas são muito importantes, são praticamente tudo pra mim, elas dizem muito sobre o que eu sou, meu carácter, minha personalidade, enfim não viveria sem minhas roupas, não que sem a roupa feminina eu não me sinta mulher , mas só através delas eu consigo mostrar as pessoas aquilo que eu sou, através das minhas roupas, e também digo que transmite o meu carácter" (P3, 24 anos).*

As entrevistadas afirmam que por terem nascido em corpo masculino, umas das formas primordiais no processo de identificação pessoal e social é o uso de roupa feminina .Svenden (2008), defende que as primeiras impressões que se tem dos indivíduos são retiradas das vestimentas por estes trajados mesmo que possam, nem sempre, transmitir indicações tão óbvias da identidade dos indivíduos, sendo este considerado pela maioria um instrumento de extrema importância.

*- " É importante pois é através delas que eu mostro quem eu sou, porque vemos, apesar de eu ter nascido assim, num corpo masculino, as minhas roupas e a forma como me apresento conseguem mostrar a forma que eu quero que as pessoas me vejam, conseguem transmitir isso, aquilo que eu não preciso falar a todo momento" (P4, 30 anos).*

Através dessa passagem, podemos ver que para a entrevistada, as roupas são mais do que simples acessórios que lhe cobre o corpo dado que são também uma forma de expressar seu carácter, personalidade e até mesmo uma identidade de género, ou seja, dizem muito sobre o que ela é e como ela quer que a vejam. Podemos depreender isso na passagem a seguir:

*- " A minha forma de vestir diz muito sobre o que eu sou, é de certa forma uma apresentação do meu ser, do meu eu, que ao mesmo tempo tento mostrar aos outros o que eu sou, mas é lógico que neste processo está o meu bem-estar também, porque acho que se não vestisse roupa feminina não faria muito sentido, então é através*

*delas que consigo estar no meu mundo, que consigo me encontrar, e ao mesmo tempo mostrar aos outros esse sentimento" (P7, 25 anos).*

Apesar de serem categorizadas como homens, as mulheres trans não se sentem confortáveis e “preformam” acções e atitudes que são entendidas como femininas pela sociedade, criando uma identidade de género e, por conseguinte, papéis de género pela qual se identificam. Uma delas é o uso de roupas femininas com o intuito de viver de forma pela qual se sintam bem e possa mostrar aos outros a forma como se identifica. Para Goffman (2002), a crença deste indivíduo no papel que ele mesmo representa, ou na impressão que ele pretende passar aos outros, convence à ele e aos outros uma impressão que corresponde à realidade, pois numa interacção é comum que um indivíduo sinta a necessidade de expressar algo que comprove aos outros a validade de sua própria acção.

#### ***4.6.2. Reacção dos outros em relação à forma como as mulheres trans se apresentam***

Importa referir que o modo, como as participantes geram este momento, tem a ver com o facto das mulheres trans agirem também de acordo com as expectativas da colectividade, tomando em consideração os papéis de género da qual desempenham. Para esse caso, Goffman (1980), distingue dois conceitos fundamentais: por um lado, a identidade social virtual que é construída na base das categorias sociais da colectividade a que o indivíduo pertence e, por outro lado, a identidade pessoal real que se relaciona com as características pessoais do indivíduo que são mais ou menos constantes. Nas condições em que fomos socializados, existe uma certa postura a se tomar, bem como normas e valores que devem ser preservados. Portanto, foi de extrema importância perceber como as mulheres trans geram este facto no seu quotidiano. Em alguns depoimentos, podemos perceber que algumas entrevistadas não se importavam com que diziam sobre elas, desde que não as atinjam verbal e fisicamente. Contudo, outras disseram que a opinião dos outros era muito importante.

*- "Quanto a reacção dos outros, até hoje aos meus 35 anos de idade, eu não consigo lidar com a parte negativa, os olhares, quando me apontam o dedo, me sinto mal, eu sei que existem pessoas que não concordam, mas eles têm que respeitar, por isso é que só me sinto segura quando estou com alguém, tipo meu marido, meu filho, minhas amigas, aí mesmo ninguém me toca" (P1, 35 anos).*

Nesta passagem, é possível perceber que participante valoriza muito sua imagem e que esse podia ser um factor da qual a sociedade poderia levar em conta e olhá-la com respeito, pois ela está ciente da sua condição por isso, em alguns casos, teme que a façam mal e só quando estiver acompanhada por alguém próximo, sente-se mais segura. A próxima passagem ilustra isso:

- " A discriminação existe ainda, mas mesmo assim recebo mais elogios que críticas, às vezes, tenho medo, por exemplo nos mercados muito populares como xiquelene, xipamanine, as pessoas lá são mais agressivas, e cria um certo desconforto, nós queremos sair a rua e nos sentirmos bem, não é só na lambda, queremos sair e nos sentir a vontade com nós mesmas, e sentir aquela boa energia das pessoas" (P8, 35 anos).

Entretanto, temos depoimentos de participantes que dizem se importar muito com o tipo de reacção da qual se deparam na rua e em diferentes espaços sociais. Assim, a respeito desta situação, importa trazer para o debate a ideia de que a sociedade é um palco no qual cada actor desempenha um papel e interpreta um determinado personagem e o esforço de cada um é para ter uma imagem acreditada e legitimada pelos outros (Goffman, 2002).

- " Bom, normalmente costuma ser admiração, as vezes também costumam estranhar, é uma mistura de sentimentos, falam mal de mim pela forma como me apresentoas vezes. .eu só quero que falem de mim, (...),mas eu gosto de ter feedback, não quero sair e ninguém olhar, quero que olhem mesmo, que falem" (P5, 31 anos).

- " A maioria me olha com admiração, tipo poxaa, uma mulher trans assim, ficam tipo "uau", como ela consegue estar tão bonita, "quem dera saber vestir assim" saber as combinações e tudo, eu gosto porque até alguns me elogiam, à primeira vista nem conseguem ver que sou trans até" (P2, 24 anos).

Depois desses depoimentos, podemos depreender que as entrevistadas, até esta fase, têm como intuito, na maior parte do tempo, chamar atenção. Para elas, é importante que tenham sempre uma "resposta" para seus actos diários e uma das respostas desejadas é a admiração por parte da sociedade. Elas querem sempre ser exaltadas através de elogios, tendo sempre uma expectativa de que sociedade sempre fale delas, quer seja mal, ou bem, o importante é que fale delas, no entanto, passar "desapercebida" seria uma espécie de esquecimento. Através da perspectiva de Goffman (2002), pode se afirmar que na construção das identidades, os indivíduos tomam em consideração a identidade social que é construída tendo em conta as categorias sociais atribuídas pelos outros e a identidade pessoal que é resultante das categorias pessoais dos indivíduos.

#### **4.7. A moda como estratégia usada pelas mulheres trans para expressar sua identidade**

Este subcapítulo apresenta a estratégia adoptada pelas mulheres trans para expressar sua identidade. Fez-se menção, no texto anterior, do uso de roupa feminina como forma primordial de identificação pessoal e social. Porém, apontam as novas tendências de moda como um elemento relevante a tomar em consideração no quotidiano dessas mulheres trans. Desta feita, surgem dois pontos centrais a serem debatidos, a saber: como as participantes olham para a moda e como usam e manipulam a moda a seu favor.

##### **4.7.1. Concepções das mulheres trans sobre a moda**

Nesta fase, as participantes mostraram até que ponto a moda pode ser considerado um elemento importante a ser levado em consideração no momento das escolhas do que comprar e vestir e o que elas entendem sobre moda.

Elas entendem que a moda lhes pode ser útil na medida em que, neste processo pelo qual as mulheres trans passam para adequar o seu corpo à sua identidade de género por elas escolhido, vai além de simples vestes feminina, a moda entra como um adereço (Goffman, 2002), que lhes deixa mais bonitas e mais valorizadas, no decorrer das entrevistas no campo, pudemos perceber que algum momento as mulheres trans tem usado as chamadas próteses (cabelos), sapatos demasiado altos e chamativos, e as que não gostam de sapato alto, usavam sapatilhas e sandálias bastante chamativas e consideradas tendência. Sendo o resultado dessa acção, o facto de poder chamar a atenção dos indivíduos ao seu redor, entre vários espaços sociais:

- "*Ih falaste do que eu gosto, tendência, amo estar na moda, (...) ganho mais visibilidade (...), estou em lugares que influencers frequentam para poder tirar fotos (...), imagina estou num lugar desse tipo south beach, uma sapatilha da Louis Vuitton, (...), se eu entro num lugar bem vestida e coisas que todo conhece*" (P7, 25 anos).

Através deste depoimento, pudemos ver que a entrevistada valoriza muito a moda. Para ela, estar sempre com uma peça, ou artigo que esteja na moda a dignifica e com isso ganha mais respeito das pessoas ao seu redor, mostrando que ela tem conhecimento sobre o que são os padrões de beleza. A mesma ilação pode ser ilustrada no próximo depoimento:

- "*Tendência, gosto, estou sempre actualizada, entro nas redes sociais para ver o que está se usar, sigo as cantoras nacionais e internacionais nas redes sociais, mas*

*sempre que posso tento adequar a moda ao meu estilo (...) estar na moda me ajuda muito, porque ganho mais visibilidade, e também trabalho com moda...nenhuma mulher quer ficar de fora, principalmente nós as mulheres trans, porque tentam nos inferiorizar, eu sei ser e estar, algo que considero muito importante " (P6, 23 anos).*

Esta entrevistada diz sentir-se emponderada, ou melhor, “realizada” por exercer uma profissão que seja baseada na sua imagem. Ela tem enorme destaque e grande responsabilidade, pois julga que a moda seja muito importante pelo facto de lhe ter aberto portas para o mercado de emprego e por lhe agregar algum valor, ou seja, as mulheres trans acreditam que, a moda possa dar uma certa visibilidade ao seu corpo, na medida em que conseguem chamar a atenção dos demais na sociedade.

*- " Muito obrigada por essa pergunta, eu gosto de moda e de tudo sobre o mundo da moda, não só por mim ou pra ficar mais bonita..., só vestir não é suficiente (...), eu comecei a saber mais de moda pesquisando na internet, estando sempre actualizada daquilo que é padrão recomendado pelos estilistas ou influencers, para montar outfits" (P5, 31anos).*

*- " Sabe, essa coisa de seguir moda é mais para os outros do que pra mim mesma, vejamos bem, o lugar e com quem estarei importa muito...quando sei que vou a um sítio muito chique, coloco o cabelo mais caro e bonito que tenho, o vestido mais chique, se for necessário vou a loja comprar outro, os meus melhores sapatos... para chegar no local, eles me olhem de cima pra baixo e fiquem tipo yaa, reconheçam que essa não é uma qualquer" (P2, 24 anos).*

Assim, as entrevistadas se vêem na perspectiva de fazer o uso da moda para projectar uma identidade para si e para os outros, ou seja, na projecção da identidade, as mulheres trans têm em conta aquelas que são as percepções que estas têm de si sobre uma indumentária, assim como as que os outros tem sobre elas, fazendo, deste modo, com que a sua identidade seja combinada e projectada em ambos os sentidos de impressionar o indivíduo em si, assim como aos outros ao seu redor. Ainda em Goffman (2002), quando explora as identidades e a sua construção, afirma que essas não são estáticas nos indivíduos, pois dependendo das circunstâncias e situações, os indivíduos tendem a se mostrar diferentes, assim como se portar.

#### 4.7.2. Manipulação da moda como um instrumento de expressão de identidade de género

Referente à construção da identidade a partir da moda, as entrevistadas vêem, na tendência, uma forma de se representarem (Goffman,2002), não apenas de maneira física, mas também demonstram aquelas que são as emoções subjectivas o que mostra a capacidade que a moda tem de poder abarcar uma parte daquelas que são as características e identidades dessas mulheres trans.

As participantes dessa pesquisa sentem-se mulheres, no entanto para expressar essa identidade trans e transmitir aquelas que são as suas emoções subjectivas, começam a fazer o uso da roupa feminina como como um meio de identificação, porém, neste processo elas percebem que só vestir roupa feminina não é o suficiente, elas tendem a portar-se como mulheres, falar como as mulheres, pois de certa forma elas sentem-se em desvantagem perante as mulheres heterossexuais, pois segundo depoimentos elas nasceram em um corpo errado. Para que elas sejam vistas e tratadas como mulheres, elas fazem uso da moda como um mecanismo para expreasar essa identidade.

A forma como as mulheres trans manipulam a moda de modo a representarem a sua imagem está ligada ao facto de as mesmas fazerem uso da moda de forma “exagerada”, ou seja, com certo excesso. Com recurso a técnica de observação directa que foi usada nessa pesquisa, foi possível observar no que concerne a maquiagem, que as entrevistadas tem usado batons com cores muito vivas, sendo que uma delas mencionou que não sai de casa sem maquiagem, pois enaltece a sua feminilidade, as mechas sempre longas, unhas extremamente compridas que é um factor da qual todas fazem menção.

*- " O modo como eu saio de casa, vai reflectir no que vão falar de mim, se eu saio de casa com roupa feminina é porque quero que saibam que eu me sinto uma menina ou uma mulher, porque todos nós nascemos e crescemos a ouvir que saias são para mulheres, calças são para homens, mas isso não é tudo, eu me apego a moda pelo simples facto de me ajudar, me deixar diferente das demais" (P1, 35 anos).*

As participantes afirmaram também que a identificação dos indivíduos, através da roupa, dos acessórios, do cabelo, entre outros aspectos, não é de hoje, ou seja, ela inicia desde sempre como certas peças e cores que estão directamente relacionadas em função do que o indivíduo diz ser. Outrossim, a identificação entre os indivíduos através da moda começa como eles se apresentam. A roupa feminina está ligada ao facto de mostrar quem as entrevistadas são e a questão da diferenciação levantada também por Monteiro (1999), está ligada ao facto de se poder afirmar que

a moda serve para criar uma certa diferenciação dentro da sociedade, no modo como as mulheres trans querem ser vistas e tratadas.

*- " Gosto de implementar coisas novas, recriar, E: Recriar em que sentido? P: Do tipo, sou mulher sim, mas não quero fazer parte do grupo de mulheres comuns, procuro aquele toque especial, assim eu consigo me diferenciar e me destacar " (P2, 24 anos).*

*- " Acho que já reparaste que nós as mulheres trans somos mais vaidosas, isso é minha opinião,...tem muito a ver com a nossa aparência, vocês tem a vantagem, então nós com aquela coisa de querer que nos vejam fazemos de tudo, para auto-estima estar sempre la em cima, pra isso é preciso ter algo a mais, mas como eu já havia dito antes, eu não quero que me confundam, eu quero que as pessoas saibam que eu sou uma mulher trans, mas quero um reconhecimento por aquilo que eu sou" (P3, 24 anos).*

Fazer parte das novas tendências para elas é um elemento que já faz parte de suas vidas, criam e recriam a moda com o intuito de mostrar aos outros como se sentem e ganhar prestígio. O estar “actualizada” é frequentemente citado por elas como forma de mostrar que sempre procuram estar dentro daquilo que são os padrões de beleza configurados pela sociedade do que se pode ou não usar, no entanto, em função de suas escolhas subjectivas (Cristo 2006).

A identidade através da moda pode ser considerada um fenómeno comportamental através do qual é possível que elas expressem como uma extensão visual. De acordo com Bauman (2001), ainda que a expressão do ser de cada pessoa é tida como uma representação da aparência final no qual se expressam suas subjectividades no momento em que empregam esses símbolos na construção da sua identidade ao expressá-la publicamente.

## 5. Considerações Finais

Esta pesquisa analisou a moda como uma estratégia de expressão de identidade das mulheres trans a partir da observação da realidade moçambicana com vista a compreender o processo pela qual essas mulheres constroem uma identidade baseada na sua aparência e nas configurações de beleza padronizada. O trabalho foi elaborado com o intuito de produzir conhecimentos mais aprofundados sobre o fenómeno, ou seja, estudar melhor a vida de algumas mulheres trans da Cidade de Maputo.

Constatámos que construção da identidade das transgéneros está ligada à um longo e multifacetado processo de socialização no qual os sujeitos aprendem a expressar as suas identidades para si mesmos e para os outros através da moda.

A problemática foi formulada tendo em conta que as pesquisas consultadas não permitiram captar em que condição a moda passa a sugerir uma identidade à mulheres trans, como ocorre esse processo e o facto do fenómeno não ter sido ainda muito explorado no contexto moçambicano.

A interpretação dos dados da pesquisa foi realizada à luz da teoria de Goffman sobre a Representação do eu na vida quotidiana, com o auxílio da teoria de Dubar, sobre a Construção de identidade que ilustrou a capacidade que os indivíduos têm de fazer o uso do universo simbólico à sua volta e colocar à seu favor. Deste modo, a moda pode transmitir uma identidade às mulheres trans, mas elas podem influenciar as suas acções para com a moda em função dos seus objectivos.

Com base na análise e discussão de dados, todas as participantes do estudo não se identificam pela identidade que lhes é dada pela sociedade, a partir do género binário. Todavia, elas vivem uma luta constante por aceitação social e reconhecimento por aquilo que demonstram ser, que lhes leva a adoptar algumas estratégias como forma de criar uma identidade e se inserirem ao meio de convivência social.

No desenvolver da pesquisa, em meio aos depoimentos, as participantes mostraram que a transgeneridade não foi necessariamente uma “descoberta”, mas que elas se sentiam mulheres desde a sua nascença. Contudo, o acto de se assumirem como trans tardou devido ao medo da reacção dos seus familiares das atitudes discriminatórias e estigmatizantes das demais pessoas. Somente após a fase da adolescência, quando atingem a independência financeira, a situação muda de figura, pois inicia um novo ciclo em suas vidas.

Desta forma, quanto à componente financeira, as mulheres trans encontram a motivação para viver de acordo com os papéis de género dos quais se identificam, podendo, através desta, comprar

roupas, acessórios, sapatos, próteses, entre outros bens, e poder se vestir, bem como se apresentar de acordo com a sua identidade de gênero.

A partir das entrevistas, depreendeu-se que as mulheres trans, nos meios de convivência social, faziam o uso de diferentes roupas, acessórios femininos compostos por símbolos e caracteres próprios da situação no qual se encontravam. Todavia, no ambiente de trabalho, elas optam por vestuário e acessórios que transmitam credibilidade, respeito e responsabilidade, diferentemente de ambientes descontraídos nos quais perpetuam o exibicionismo, fazendo, deste modo com que sua identidade seja combinada em dois sentidos, a saber: de impressionar o indivíduo em si, assim como aos outros ao seu redor.

A partir da teoria de Goffman, segundo o qual, elas têm conhecimento tácito das normas e regras que regem uma determinada situação social, notou-se que as participantes têm um conhecimento dos significados atribuídos à moda e fazem uso destes como meio de identificação em função da situação em que elas vivenciam.

Unanimemente, os resultados da pesquisa ilustram que a moda tem o papel de representar e comunicar aquelas que são as identidades e personalidades das mulheres trans, na medida em que elas sentem-se em desvantagem perante as mulheres heterossexuais e fazem uso da roupa feminina para mostrar que são mulheres, e a moda serve como estratégia para atingir esse objectivo, como forma de exibir e dar uma certa visibilidade e destaque a essa identidade de gênero, usando aquilo que são as tendências, como próteses, maquiagem, sapatos exclusivos (de marca) e etc. Entretanto, é afirmado, ainda, que a moda, não mostra apenas a identidade, pois mediante o uso de roupas, de acessórios e de outros artifícios da moda, as mulheres trans podem desempenhar diferentes papéis o que as torna indivíduos de múltiplas identidades, ou vários *selves*.

## 6. Referências Bibliográficas

Affonso, F. P. (2012). *Transgeneridade na moda: o vestir em João Nery e Laerte Coutinho*. (monografia do curso de especialização em moda, cultura de moda e arte). Juiz de Fora: universidade federal de juiz de fora, instituto de arte e design.

Ávila, S. E Grossi, M. P. (2010). *Transexualidade e Movimento Transgênero na Perspectiva da Diáspora Queer*. Trabalho apresentado no V Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homo cultura – ABEH – Natal, RN.

Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*, Zahar, p.278. Rio de Janeiro.

Bento, B. (2006). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro, RJ: Garamond.

Bourdieu, P. (2007). *Gostos de classe e estilos de vida*, In Ortiz, coleção grandes cientistas sociais, volume 19, Renato (org), editora Ática, São Paulo.

Butler, J. (2003) *problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: civilização brasileira.

Ceccarelli, P. R. (2000). Sexualidade e preconceito. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 3.

Chipenembe, M. J. M. (2018). *Sexual rights activism in mozambique: a qualitative case study of civil society organisations and experiences of lesbian, bisexual and transgender persons*. Thesis (doctor in gender and diversity & gender and diversity studies) – vrije universiteit brussels and universiteit gent.

Cidreira, R. (2005). *Os sentidos da moda*. São Paulo: Annablume.

Costa, M. (2005). *Reencontro com a identidade de gênero: contribuições da visão sistêmica novo-paradigmática e do psicodrama infantil*. Estudos de Psicologia.

Cristo, H. (2006). *Moda e identidade social*.

Demo, P. (2000). *Metodologias do conhecimento científico*. Publicações Atlas, São Paulo. Editora Atlas.

Dubar, C. (2006). *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. Afrontamento edições, sm/ed., Porto.

Durkheim, É. (1978). *As regras do método sociológico*. São Paulo: Abril Cultural. Pp. 71-76.

Ferreira, A. B. H. (2005).

*Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 6. Ed. Rev. Atual. Curitiba: positivo. P. 383. Ref deética.

Fontanella, B. R. J., & Turato, E. (2008). *Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas*. Rio de Janeiro: cad. Saúde. V. 24. N. 1. Pp. 17-27.

Gil, A. C. (2007). *Métodos e técnicas de pesquisa social*, 6ª edição, atlas, São Paulo.

Goffman, E. (2002). *A representação do eu na vida quotidiana*, tradução de maria célia santos, ed. Vozes, 10ª edição, petrópolis.

Goffman, E. (1980). *Estigma: notas sobre manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar editores.

Guimarães, M. (2005). *Moda, cultura e identidades: ufba, salvador-brasil, 2008*. Jones, suejenkyn. Fashion design: manual do estilista. São Paulo: cosacnaify.

Hennes, M. (2017). *O papel social do design de moda nas manifestações de identidade de gênero contemporâneas*. Anais da 2ª semana de design da ufal avia! V. 1. N. 2.

Jesus, J. G. (2012). *Orientações sobre a identidade de gênero: conceito e termos: guia técnico sobre transexuais, travestis, e demais transgêneros para formadores de opinião*. 2 ed. Brasília.

Laqueur, T. W. (2001). *Iventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Lima, M. O. (2018). *Identidade e moda: vestuário como meio de expressão*, trabalho de conclusão de curso na Universidade Federal de Ceara, Fortaleza.

Lipovetsky, G. (2005). *O imperio do efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas*, tradução de maria machado, São Paulo, versão.

Marconi, m. De a & Lakatos , e. M (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: editora atlas s.a 5ª edição.

Mauss, M.(1974). *As técnicas corporais*.In:marcelmauss:sociologia e antropologia, vol2.SãoPaulo: epu/edusp.

Miguel, F. (2019). *Maríyarapáxis: silêncio, exogenia e tolerância nos processos de institucionalização das homossexualidades masculinas no sul de moçambique*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília.

Miranda, A. P. (2008) *Consumo da moda: a relação pessoa-objecto, estação de letras e cores*, São Paulo, 2008.

Money, J. (1955). Hermaphroditism, gender and precocity in hyperadrenocorticism: psychologic findings. *Bulletin of the Hopkins hospital*, 96, 253-264.

Monteiro, A. (1999).*Para além do traje de crioula: um estudo sobre materialidade e visibilidade das estampas da baía*, dissertação de mestrado em cultura da moda, universidade federal de goiás.

Moura,L.J.( 2 0 1 8 ) . *Moda como expressão de identidade no mundo contemporâneo*.

Mugabe, N. A. (2021). Mapeando as auto identificações, a construção das identidades e as subjectividades das “manas trans” na cidade de maptuto. *Anuário antropológico*, 46 (2), maio-agosto.

Osório, M. C.(2004). *Mulher e poder*. Maputo: uem/ufics - relatório de investigação.

Pitombo,R.

(2000).*Adimensões espetaculares da indumentária*.In:*o corpo ainda é pouco*.I seminários sobre contemporaneidade. Nuc/uefs. Feiradesantana: uef.

Richardson,R.J.( 1 9 9 9 ) . *Pesquisa social:métodos e técnicas*,3ªed.,SãoPaulo,editoraatlas, 1999.

Richardson, R. J. (2008). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. Atlas editores, sm/ed., são paulo.

Sant’anna,M.

R.

(2009).*Teoria da moda: sociedade, imagem e consumo*.Sãopaulo,estação das letras e cores.

Silva,H.R.S. (2007)*Travestis: entre o espelho e a rua*.Rio de janeiro:rocco.

Simmel, G. (2005b). Da psicologia da moda: um estudo sociológico, in: souza, j, simmel e a modernidade, 2ed, Brasília, editora unb.

Svenden, L. (2008). Moda: uma filosofia, rio de janeiro, zahar ed, tradução de maria luísa.

Touraine, A. (2005). *Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes.

Wollinger, L. B., Lima, M. F. (2018). *Category is: a moda como construção e expressão de identidade na série pose*. Curitiba: revista dito feito. V. 9. N. 15. Pp. 98-109.

## 7. Anexos

### Anexo 1

#### Guião de entrevista

Saudações!

Sou a Nesse da Conceição Domingos Melo, finalista universitária do Curso de Sociologia na UEM. Encontro-me a desenvolver a monografia sobre “A moda como estratégia de expressão de identidade das mulheres trans em Maputo”. Deste modo, gostava de convidar-lhe a participar nela através da partilha de informações sobre o assunto, constando que será de carácter confidencial.

#### Secção I. Perfil sociodemográfico

1. Sexo
2. Idade
3. Religião
4. Nível académico
5. Profissão
6. Residência

#### Secção II: Experiências da autodescoberta das mulheres trans

7. Quando e como é que descobriu que era mulher trans?
8. Depois da sua “descoberta”, qual foi a reacção da sua família?
9. Quando e como foi assumir-se socialmente como mulher trans?

#### Secção III: As preferências da indumentária das mulheres trans e as motivações das suas escolhas

10. Que tipo de roupas prefere usar? Porquê?
11. Para além das roupas femininas, costuma usar próteses, unhas acrílicas, maquilhagem, sapato alto, etc?
12. Como são feitas as escolhas do vestuário e acessórios no seu dia-a-dia?
13. Quais razões te fazem optar por uma roupa em detrimento da outra?

#### Secção IV: O uso de roupas femininas na demonstração da identidade

14. Qual é a importância que dá às roupas e aos acessórios que usa?
15. Porquê escolheu se vestir assim?
16. Quais são as coisas mais importantes que considera ao escolher suas roupas?
17. O que eleva sua auto-estima?
18. Como se sente em relação à reacção dos outros em relação ao teu modo como se apresenta?

#### Secção V: As estratégias usadas pelas mulheres trans para expressar sua identidade através da moda

19. Considera importante o uso de roupas e acessórios de tendência? Porquê?
20. Além do vestuário e acessórios que usa, tem preferência por outros artigos que estejam namoda?
21. Acredita que através da moda é possível transmitir aos outros a forma como se sente? Como?
22. O que pensas de si, reflecte no tipo de roupa e acessórios que usas?
23. A sociedade te aceita? Se sim, o que fez para conseguir, se não, o que tem feito para conseguir?

## **Anexo 2**

### **Consentimento Informado**

Eu \_\_\_\_\_, aceito de livre vontade participar da presente pesquisa intitulada: Nasci em um corpo errado: O uso da moda como estratégia de expressão de identidade das mulheres trans na Cidade Maputo. Foi-me apresentada que tem como propósito a culminação de um trabalho fim do curso e os dados serão incorporados na monografia para defesa final no curso de Sociologia na UEM. Desta feita, estou ciente de que as respostas, por mim, prestadas serão divulgadas e com vista a preservação da minha identidade, meu nome não será exposto. Autorizo a gravação da entrevista, constando que após sua utilização ela será deletada e não servirá para outros fins fora desta pesquisa. De acordo com os esclarecimentos à mim prestados, minha confirmação, na pesquisa, da-se através da assinatura desse documento.

Entrevistada

-----

Entrevistador(a)

-----